

VILLA DA FEIRA

TERRA DE SANTA MARIA

ano 1 • número 1 • junho 2002

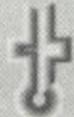


VILLA DA FEIRA

TERRA DE SANTA MARIA

ano 1 • número 1 • junho 2002



 **LAF**
LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

VILLA DA FEIRA

TERRA DE SANTA MARIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Villa da Feira - Terra de Santa Maria

PROPRIEDADE: LAF - Liga dos Amigos da Feira

DIRECTOR: Celestino Portela

DIRECTOR ADJUNTO: Fernando Sampaio Maia

COLECTIVO EDITORIAL - *FUNDADORES LAF:*

Alberto Rodrigues Camboa • António Luís Carneiro

Carlos Gomes Maia • Celestino Augusto Portela • Joaquim Carneiro

CONSELHO LITERÁRIO E REVISÃO GRÁFICA:

Álvaro Faria • Anídio Casals Azevedo

J. M. Costa e Silva • Orlando Silva

PERIODICIDADE: Quadrimestral

ASSINATURA ANUAL: 30 •

NÚMERO AVULSO: 10 •

CAPA E ARRANJO GRÁFICO: Joaquim Carneiro

FOTOS: Óscar Maia e Arquivos particulares

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Apartado 230 • 4524-909 Feira

PUBLICIDADE: Telef.: 256 373 052 • 256 379 604 • 965 516 999 • Fax: 256 379 607

TIRAGEM: 500 exemplares

EDIÇÃO: Junho 2002

PRÉ-IMPRESSÃO: Publigrifo, Lda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Empresa Gráfica Feirense, S.A.

SEDE SOCIAL: Largo de Camões, 9 • Apartado 230 • 4524-909 Feira

E-mail: villadafeira@mail.pt

DEPÓSITO LEGAL: 180748/02

ISSN: 1645-4480

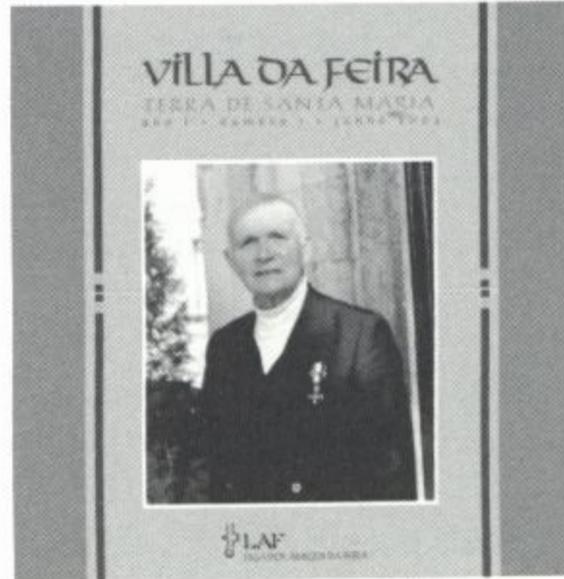
REG. ICS: 124038



LIGA DOS AMIGOS DA FEIRA

Associada da Rádio Clube da Feira

1983 - 03 - 09



No seu primeiro contacto, vem, a “VILLA DA FEIRA”,

saudar:

Antes de mais, os meios de comunicação social existentes no Concelho, desde o mais evoluído ao mais simples e desprezioso, todos irmanados na mesma vontade de honrar o nome glorioso do nosso Concelho;

Depois, as Entidades Oficiais, as Instituições, as Colectividades, a Indústria, o Comércio, os Serviços e, sobretudo, a laboriosa Gente Feirense.

Não nos movem outros intuitos que não sejam o progresso da nossa Terra e a Cultura da nossa Gente. E, sendo Santa Maria da Feira tão rica em Personalidades da mais elevada craveira intelectual, temos a melhor das matérias primas para trabalhar: dos que já partiram lembrar-lhes-emos as Obras, procurando imortalizar os seus feitos; aos que, felizmente, se encontram entre nós, pediremos a generosidade do seu empenho e colaboração.

O resultado há-de ser promissor.

Santa Maria da Feira, 13 de Junho de 2002
O Director

Sumário

Pórtico	3
<i>Director</i>	
Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira	5
<i>Alfredo de Oliveira Henriques</i>	
Padre Albano de Paiva Alferes	7
<i>Celestino Portela</i>	
A Terra de Santa Maria - O Território; os Homens; a História - E Hoje?	27
<i>Eduardo Vaz de Oliveira</i>	
Observações Toponímicas	35
<i>Domingos A. Moreira, Pe.</i>	
Profundidade	47
<i>Maria de Jesus</i>	
Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum	51
<i>Orlando Silva</i>	
Poesias	56
<i>Ilda Maria</i>	
Uma paródia ao Cântico Negro de José Régio	60
<i>J. M. Matos Vila</i>	
Cartões Telefónicos - Colecção Feira - "Homenagem ao Pintor António Joaquim"	65
<i>Joaquim Carneiro</i>	
Postais do Concelho da Feira: A - Postais Ilustrados	69
<i>Ceomar Tranquilo</i>	
Apoios	
<i>Câmara Municipal - Vista aérea da cidade de Santa Maria da Feira</i>	<i>contra-capa</i>
<i>Irmãos Cavaco, S.A.</i>	<i>verso da capa</i>
<i>Visionarium - Centro de Ciência do Europarque</i>	<i>verso da c/ capa</i>

Mensagem do Presidente da Câmara



Possuidor de um riquíssimo património cultural, o vasto concelho de Santa Maria da Feira muito tem feito para preservar e divulgar os valores históricos e culturais que reforçam a identidade e o significado de ser feirense. É imperioso fazê-lo numa sociedade em constante evolução e mudança, para que tudo aquilo que é genuíno e faça parte da cultura de um povo seja acautelado e permaneça vivo na nossa memória.

Porque acredito que a edição de uma publicação vocacionada para a cultura em muito contribuirá para a salvaguarda e exaltação de factos e acontecimentos de inquestionável valor e interesse para Santa Maria da Feira, saúdo com entusiasmo a Liga dos Amigos da Feira, responsável pela edição da Revista Cultural "Villa da Feira - Terra de Santa Maria", cujo primeiro número é agora lançado.

Estou certo que esta nova publicação será a voz de um concelho que muito tem para dizer no que se refere aos valores humanos, culturais e naturais.

Apelo a todos aqueles que, conhecedores da história e das "estórias" da nossa Terra de Santa Maria, dêem o seu contributo. Assim, de quatro em quatro meses, seremos surpreendidos pelo encanto e riqueza dos valores, cujo património mais importante é o seu passado, aliado a um presente que possa ser recordado com orgulho.

O Presidente da Câmara
Alfredo de Oliveira Henriques

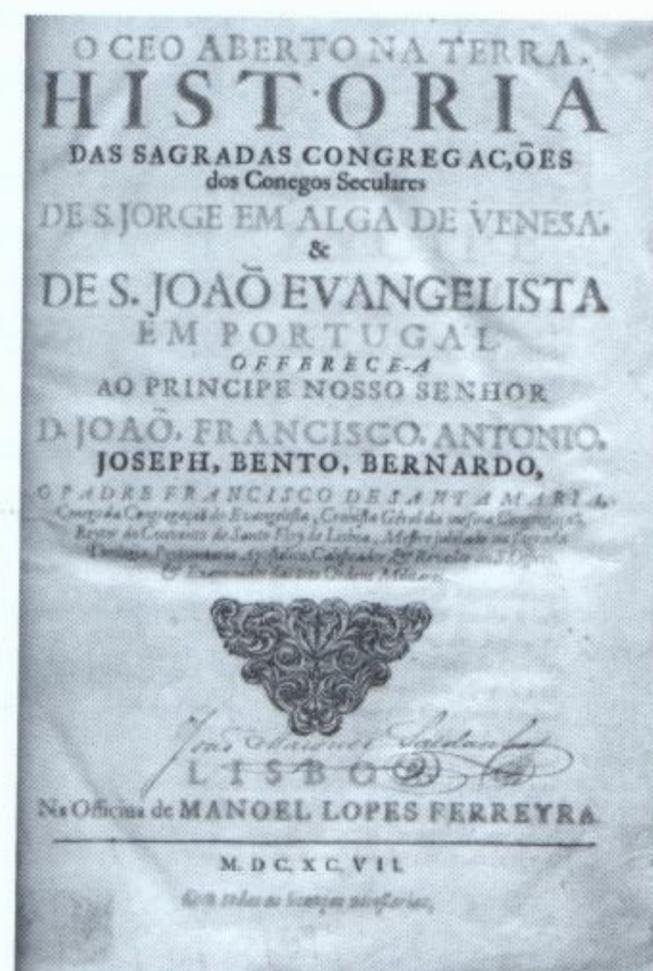
“O Ceo Aberto na Terra”

de Francisco de Santa Maria

O amor às raízes é um dos sentimentos nobres de um Homem de bem. Nunca vimos, acerca de alguma Terra, dizer-se tão gostosamente bem como o Padre Francisco de Santa Maria escreveu sobre a Villa da Feira:

“... porque nele se acha tudo o que a vida humana há mister para o sustento, e tudo o que pode apetecer para o regalo; concorrendo para esta deliciosa abundância, juntamente o Céu, o mar, e a terra. O Céu com amigas influências e benévolos ares, o mar com tanta variedade de peixes, a terra com todo o género de frutos e frutas, gados e aves.”

Iremos publicar, na badana da capa, os textos que nos dizem mais directamente respeito para que os nossos leitores os degustem com prazer.



“O Ceo Aberto na Terra” - Lisboa - 1697.

V.F. n.º 1, 2002 - p 6.

Padre Albano de Paiva Alferes

por Celestino Portela

Foi um dos nossos!

Foi feliz connosco. E nós, além de felizes, com Ele aprendemos muito. Esta Revista, como edição LAF, tem honra em evocar o Companheiro e o Amigo.

Nasceu em 20-03-1908, na Casa do Alferes, em Duas Igrejas, Romariz.

Foi ordenado Sacerdote, em Outubro de 1931, na Sé Catedral do Porto.

No nosso Concelho paroquiou Escapães, que chegou a cumular com Mosteirô e Souto.

Atingiu o limite de idade em 1979, pediu a resignação e fixou-se em Vila da Feira; aqui, como sacerdote, oficiou como Capelão na Igreja da Misericórdia e Capela da Piedade.

Viveu “distante, incompreendido e impaciente com espíritos comesinhos e pusilânimes”.¹

«Sou um modesto bibliófilo e um fervoroso apaixonado pela *coisa da arte*», escreveu.

E aqui, com 71 anos de idade, “nasceu” de novo.

Em 25 de Maio de 1979 foi prestada Homenagem ao Padre Alferes pelos seus paroquianos, cerimónia a que se associaram várias individualidades.

Foi no decurso desta cerimónia que a Administradora de “O Correio da Feira” convidou o Senhor Padre Albano para colaborar no Jornal, conseguindo, assim, um dos mais distintos colunistas para as suas páginas.

O Executivo Camarário, eleito em Dezembro de 1976, na sua primeira reunião realizada em 07/01/1977, deliberou aceitar a disponibilidade do Senhor Padre Albano Paiva Alferes para, **gratuitamente**, organizar a Biblioteca Municipal, conforme comunicação feita por um Vereador.

A Biblioteca estava desprezada e em estado caótico e lastimável.²

¹ P. Alves de Pinho, no Jornal de Romariz, n.º 134, Fevereiro de 1994.

² Correio da Feira, n.º. 4055 de 4/02/1977.

Padre Albano de Paiva Alferes



De Alcaide-Alferes a Oficial Superior.

«A Câmara Municipal no louvável propósito de reorganizar a Biblioteca e Museu municipais nomeou para seu director o sr. Padre Albano de Paiva Alferes, abade da freguesia de Souto e apaixonado bibliófilo.

Recorda-se que a referida Biblioteca Museu foi fundada em 1942 pela Câmara da presidência do ilustre e saudoso feirense Dr. Roberto Vaz de Oliveira com a coadjuvação de outro ilustre feirense Dr. Henrique Vaz Ferreira, escritor e romancista, que passou a ser director da mesma até ao seu falecimento em 14 de Março de 1961.

Nesta altura a Biblioteca começou a sua decadência, sendo encerrada ao público e as suas principais salas passaram, umas a servir de depósito de coisas inúteis e outras foram destinadas aos serviços técnicos da Câmara e a Subdelegacia de Saúde, isto por determinação do Município.

Tudo isto se passou perante a apatia dos feirenses, principalmente daqueles que tinham o dever de defender os sagrados interesses desta terra.

Com tais mudanças foram retirados dos seus lugares diversos objectos: quadros, livros e tantas outras coisas que ficaram a monte, como se comprova.

O novo director Padre Alferes, que acedeu gostosamente com o seu bairrismo e melhor boa vontade a tomar aos ombros tão árdua tarefa, iniciou já, os respectivos trabalhos, auxiliado por um jovem e zeloso funcionário da Câmara, e, com pesar, verificou à face de registos o desaparecimento de diversas obras literárias e históricas de grande valor assim como a deterioração de outras, cuja falta a empobrece.

Padre Albano de Paiva Alferes

Está, pois, de novo a Biblioteca entregue a mãos competentes e dedicadas que, com o apoio da Edilidade e a colaboração de outrem e com seu esforço consiga que a nossa Biblioteca possa num futuro próximo merecer o interesse dos visitantes e estudiosos.

Ao Sr. Padre Alferes, os nossos cumprimentos, pelo seu nobre gesto, no qual demonstra, além do mais, o desejo de ser útil ao seu concelho.»

Viveu tão intensamente este cargo que a sua passagem pela Biblioteca ficou marcada pela aquisição de obras indispensáveis, raras e valiosas.

Em 6-8-79 recebi a carta que se apresenta, pois gostava de tratar todos os assuntos por escrito.

Senhor Doutor e Prezado Amigo:

Apraz-me comunicar ao Senhor Doutor que o Senhor Padre José de Fontes Baptista, ex-pároco de Argoncilhe, após alguns contactos mantidos, acaba de oferecer à Biblioteca Municipal da Feira alguns livros seus, que podem ser considerados obras de fundo duma biblioteca, de que envio ao Senhor Doutor a respectiva relação.

O Senhor Padre Baptista ainda ficou com bastantes livros, no entanto eu presumo que, com mais um empurrão, o resto virá.

E assim, eu achava bem, que o Senhor Doutor apresentasse o assunto numa reunião da Câmara e se exarasse um voto de louvor e agradecimento e se enviasse uma cópia da acta ao Senhor Padre Baptista.

E é só, Senhor Doutor
Para bem da Biblioteca.
Cumprimentos
do Pe. Albano Alferes

Feira, 6 de Agosto de 1979

— Senhor Doutor e Prezado Amigo:

Apraz-me comunicar ao Senhor Doutor que o Senhor Padre José de Fontes Baptista, ex-pároco de Argoncilhe, após alguns contactos mantidos, acaba de oferecer à Biblioteca Municipal da Feira alguns livros seus, que podem ser considerados obras de fundo duma biblioteca, de que envio ao Senhor Doutor a respectiva relação.

O Sr. Padre Baptista ainda ficou com bastantes livros, no entanto eu presumo que, com mais um empurrão, o resto virá.

E assim, eu achava bem, que o Senhor Doutor apresentasse o assunto numa reunião da Câmara e se exarasse um voto de louvor e agradecimento e se enviasse uma cópia da acta ao Senhor Padre Baptista.

E é só, Senhor Doutor

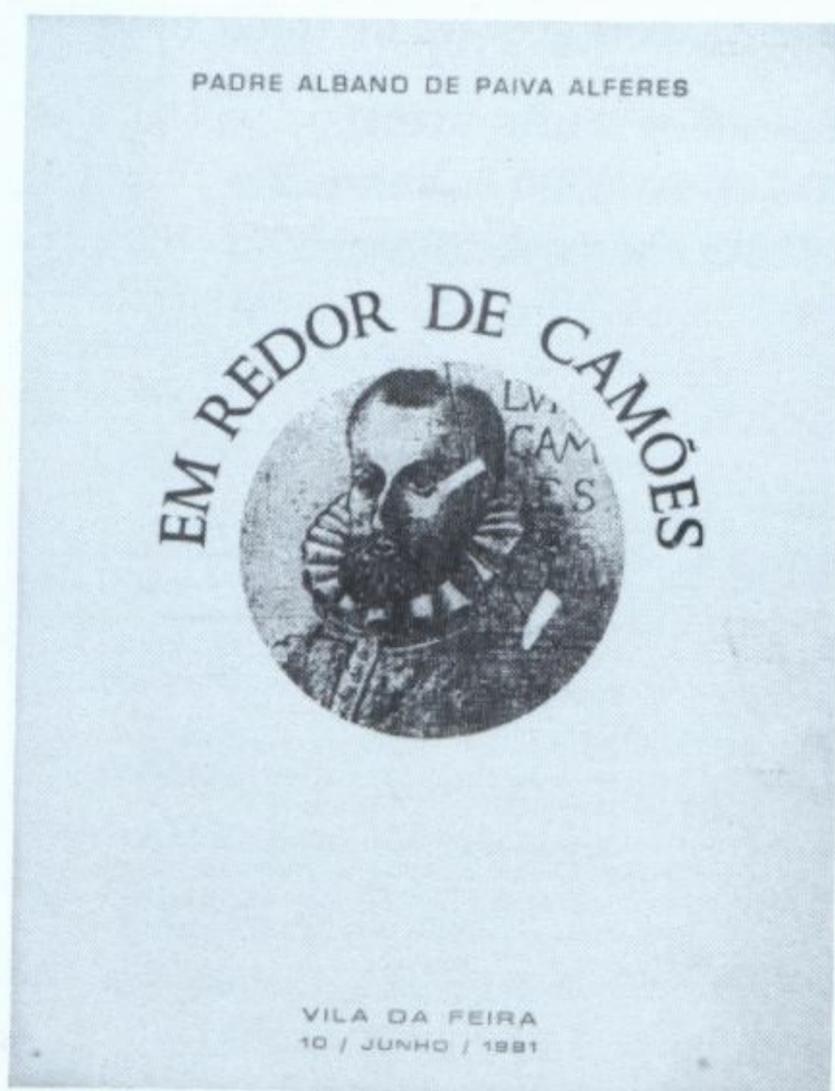
Para bem da Biblioteca.
Cumprimentos
do
Pe. Albano Alferes

Padre Albano de Paiva Alferes

Em 23-8-79, em reunião ordinária, a Câmara Municipal deliberou, por unanimidade, “face a tão valiosa oferta, exarar em acta um voto de louvor e agradecimento ao Senhor Padre José de Fontes Batista por este gesto de benemerência”.

Na reunião de 25 de Maio de 1979 a Câmara Municipal deliberou atribuir-lhe a Medalha de Prata de Mérito Municipal.

Foi Director da Biblioteca Municipal até 1980, altura em que foram prescindidos os seus serviços competentes e gratuitos.



Publicação da palestra proferida no “4.º Centenário da Morte de Camões”, no «CCROF», em 10 de Junho de 1981.



Pe. Albano foi membro da Comissão de Honra da Homenagem prestada ao Senhor Doutor Henrique Veiga de Macedo.

Padre Albano de Paiva Alferes

Participou nas exposições e colóquios promovidos pela LAF, exibindo as peças raras que possuía e a cultura invulgar que o exornava.

Aquando da comemoração do “4.º Centenário da Morte de Camões”, com Exposição promovida pela LAF, no CCROF, o Padre Albano proferiu uma palestra que veio a ser publicada no nº. 1 das Edições LAF.

Em 15 de Dezembro de 1979, foi eleito Presidente da Comissão de Vigilância pela Guarda e Conservação do Castelo da Feira.

Em 23 de Setembro de 1983, outorgou a escritura de constituição da Comissão de Vigilância do Castelo da Feira, que, assim adquiriu personalidade jurídica, lavrada no Primeiro Cartório Notarial da Feira.

Em Assembleia Geral desse mesmo dia, foi eleito Presidente da nóvel Associação, funções que exerceu até 14 de Fevereiro de 1987.

Em 30-11-1982, a LAF promoveu a evocação do “47.º Aniversário da Morte de Pessoa”. Nascido em 1888 e falecido em 1935.

Foi palestrante o Prof. Salvato Trigo, tendo o Padre Albano feito as saudações.



O Padre Albano foi muito aplaudido pela sua palestra sobre Camões. Na mesa António Carneiro, Professor Leão (CCROF), Orlando Oliveira (Vereador da CMF), Celestino Portela e Joaquim Carneiro.

Padre Albano de Paiva Alferes

Foi o tempo da Tertúlia do Café Moderno onde se juntavam para colocar o Padre Rodrigo Fontes, o Dr. Barbedo, o Padre Pinho e alguns mais.

Por ele soube da existência do “Ceo Aberto na Terra”, que não conseguiu obter e que eu tive a felicidade de encontrar.

Foi membro fundador da LAF, Liga dos Amigos da Feira, constituída por escritura pública de 09-03-1983.

1983 foi o Ano Histórico da LAF:

A Inauguração do “1.º Monumento Nacional a Fernando Pessoa”.



Pe. Albano na Sessão Solene na C. M. da Feira em 30.11.1982.



Norma Tasca justifica a ausência do marido, José Augusto Seabra.

Padre Albano de Paiva Alferes



Em casa de Carlos Maia, com António Carneiro e D.^a Luiza Braga. Foi neste convívio que Salvato Trigo nos incentivou a erguer um Monumento a Fernando Pessoa.



Em Paços de Brandão ouvindo Salvato Trigo.



Em Arrifana, (ao centro), o Senhor Ministro da Educação, acompanhado por Padre Albano e Presidente da Câmara da Feira, Aurélio Pinheiro.

Padre Albano de Paiva Alferes



Na Câmara Municipal da Feira, em 29.11.83, durante a palestra de Eduardo Lourenço. Na mesa, Alfredo Henriques - Presidente da Câmara, Agustina Bessa Luís, António Rebordão Navarro e Pe. Albano.



O Comendador Américo Amorim escuta, com atenção, o Pe. Albano, em sessão do Rotary Clube da Feira em que foi o ilustre palestrante.

Padre Albano de Paiva Alferes

Foi membro da Comissão de Honra para a construção do Primeiro Monumento de Homenagem a Fernando Pessoa, presidida pelo Senhor Presidente da República, e membro da Comissão Executiva.

Em 27/11/1983, José Augusto Seabra, como Ministro da Educação, veio proferir uma palestra sobre “Fernando Pessoa, a Poesia e o Mito” em Arrifana, no Salão Nobre dos Bombeiros.

Em Paços de Brandão em 28-11-1983, o Professor Salvato Trigo proferiu uma palestra subordinado ao tema “Fernando Pessoa e a poética da nostalgia”, em que o Pe. Albano representou a LAF.

Em 29/11/1983, Eduardo Lourenço fez uma palestra sobre o tema “O Mito Pessoa”, no Salão Nobre da Câmara Municipal.

Em 30/11/1983, foi inaugurado o primeiro Monumento Nacional a Fernando Pessoa, pelo Senhor Presidente da República, General Ramalho Eanes.



Na Comissão de Vigilância, na Homenagem a Francisco da Costa Neves, em 25.09.1982.



Na Homenagem ao Pároco da Feira, “Sr. Vigário”, no uso da palavra; saudades também de D.ª Brízida, Alcides Branco, Manuel Maia e José Santos.

Padre Albano de Paiva Alferes



O Pe. Albano com o Ministro da Educação e Cultura Sottomayor Cardia.



Em Lisboa, 27.03.1984, o Pe. Albano entregou a medalha da LAF ao Senhor Presidente da República.

Na recepção no Castelo, quando o Padre Alferes foi apresentado ao General Eanes como o “Nosso Alcaide”, disse: “Para Alcaide a patente de Alferes está bem; mas tem de ser promovido pois já permanece há muito tempo na mesma graduação”.

E cumpriu!

Sócio Fundador do Rotary Clube da Feira que recebeu a Carta Constitutiva em 01/06/1984.

As suas frequentes intervenções versavam os mais variados temas, tratados com elegância e saber que a todos prendia e entusiasmava.

Em 26 de Fevereiro de 1984, teve lugar no Castelo da Feira, em cerimónia presidida pelo Senhor Primeiro Ministro, o encerramento do 1.º Colóquio Luso-Brasileiro de Professores Universitários de Expressão Portuguesa.

Padre Albano de Paiva Alferes

O Senhor Padre Albano fez a saudação ao Primeiro Ministro e aos Congressistas.

A LAF, que mandara cunhar medalhas comemorativas da “Inauguração do Monumento a Fernando Pessoa”, deslocou-se a Lisboa para efectuar a entrega de medalhas a alguns Membros da Comissão de Honra, no dia 27/03/1984:

A Sua Excelência o Senhor Presidente da República;
Ao Senhor Prof. Sottomayor Cardia, Ministro da Educação e Cultura;
Ao Senhor Dr. Francisco Lucas Pires, Secretário Geral do CDS.

Foi o autor da moção para elevação da Vila da Feira a Cidade com o nome de Santa Maria da Feira.

O PS e o PSD apresentaram, na Assembleia da República, um projecto de Lei para elevação da Vila da Feira a cidade ³.

O Senhor Padre Albano em fundamentado artigo defendeu que a Vila da Feira devia ser elevada a Cidade com o nome de Santa Maria da Feira. ⁴

«As Terras de Santa Maria da Feira têm andado, alegremente, alvoroçadas, nestes últimos meses, com a elevação a cidade de quatro importantes vilas sediadas dentro das suas antigas balisas do Douro ao Caima e do Oceano ao Arda - que são: Vila Nova de Gaia, Ovar, São João da Madeira e Oliveira de Azeméis.

A cabeça das mesmas «Terras», a Vila da Feira, não entrou no cortejo, faltava-lhe a capacidade populacional estabelecida, com o que se conformou, e, como os pais participam, sempre, da glória dos filhos, a sempre «nobre» Vila da Feira limitou-se a postar-se na margem da estrada a saudar, com sinceridade, as novas Cidades que passavam na luz...

³ Correio da Feira, n.º 4431 de 27/7/1984.

⁴ Correio da Feira, n.º 4438 de 5/10/1984.

Padre Albano de Paiva Alferes



Castelo da Feira, outrora denominado Castelo de Santa Maria da Feira. (des. A. Cardoso), 1928.

Demais estava confiante de que se lhe ofertava um largo caminho que a levaria a Cidade: era o seu glorioso passado histórico, era, afinal e simplesmente, a restauração da Civitas Sanctae Mariae a Cidade de Santa Maria - dos séculos X, XI e XII, não necessitando, pois, de recorrermos à elevação da Vila da Feira a cidade.

É com este fundamento histórico que a questão tem de ser posta.

Alguns ilustres deputados do nosso distrito apresentaram na Assembleia da República, e muito bem, uma exposição-pedido da elevação a cidade da Vila da Feira, mas, na minha opinião e não só, não atinaram, bem, com o caminho e andaram perdidos, lá por Guimarães, onde foram mal recebidos, e com razão, pois, como disse, há um caminho válido que «leva a Roma»...

Vamos, então, lançar mão de alguns recursos de que dispomos e tentar apontar o caminho em causa que se encontra, aqui e além, um pouco encoberto pela poeira dos séculos que arrumaremos com facilidade para que assim se possa encontrar o caminho certo que a cidade de Santa Maria tem trilhado na sua viagem através da História...

Vamos apegar-nos aos escritos de alguns historiadores contemporâneos, encabeçados pelo Doutor Aguiar Cardoso, a alguns depoimentos antigos e aos Portugaliae Monumenta Histórica, que temos aqui à mão.

Em escrituras dos Velhos Tombos Monasteriais extractados por Pedro Ribeiro, Viterbo, o erudito Frade oratoriano, e, principalmente, pelos colectores dos Port. Mon. Hist. encontramos frequentes referências à civitas de Sanctae Mariae — Cidade de Santa Maria

E assim a Cidade de Santa Maria teria sido fundada pelos Godos,

Padre Albano de Paiva Alferes

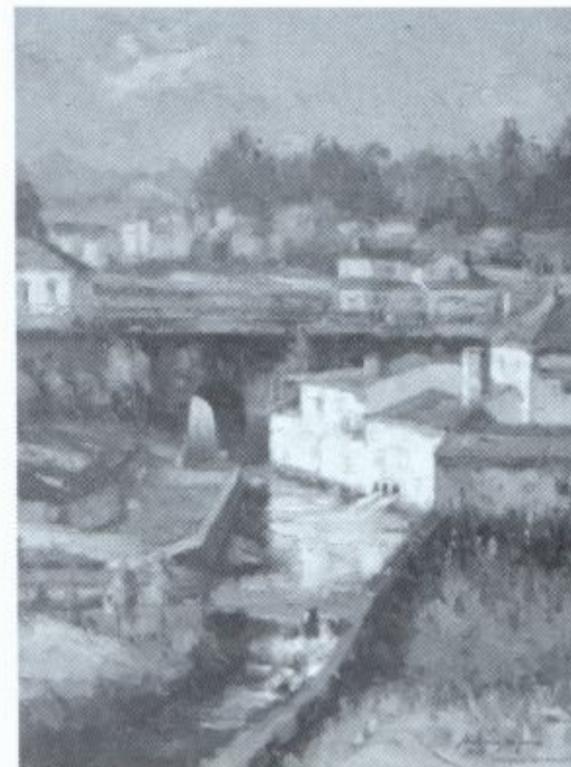
que chegaram a esta região, nos fins do século V, seria arrasada pelos Mouros no ano 711, e, uma vez reedificada, foi, novamente, desfeita em 997 pelas tropas de Almansor, que tudo destruíam e ermavam. O rei Bermudo III veio, no entanto, encontrá-la reconstruída, em 1028. Seguindo P.M.H. nós vamos encontrar no ano de 977 uma escritura de doação feita ao mosteiro de São João de Ver (in Vila Valeri)...«perto da cidade de Santa Maria». Em 1002 topa-se com outra doação, desta vez ao Mosteiro de Lorvão, de herdades sitas na Vila de Pereira...«perto da Cidade de Santa Maria». Bermudo II assiste a uma escritura, em 1015, de entrega de bens ao Mosteiro de Guimarães, «na cidade de Santa Maria, além Douro». No ano de 1037, depara-se com uma escritura de doação feita ao Mosteiro de Anta, «sendo Conde de Santa Maria Men Lucídio».

Atribui-se a Men Lucídio, conde governador da Cidade de Santa Maria a reconstrução desta cidade, juntamente com outros.

Num Inventário de Herdades datado de 1050 fala-se de «Travanca sita no sopé atradize - de Santa Maria».

Presume-se que a Cidade de Santa Maria existia, ao tempo, no outeiro onde está situado hoje o Castelo, então denominado «Castelo de Santa Maria»; presume-se, ainda, que as «forças» do Castelo tomaram parte, compartilhando da vitória, na Batalha de Cesár, entre 1028 1037, no reinado de Bermudo III, em que os cristãos desbarataram os mouros. O Mosteiro da Vacariça beneficia duma doação feita em 1053 continuamos a reportar-nos aos P.M.H. «...sitas essas vilas, entre Douro e Vouga, abaixo da Cidade de Santa Maria». Vamos encontrar uma escritura de venda, 1081, que situa o «monte da Cidade de Santa Maria» nas adjacências do lugar de Milheiros.

Uma escritura de venda, feita em 1088, refere-se a uma propriedade na Vila de São João, que chamam da Madeira, «perto da Cidade de Santa Maria».



Travanca - Rio Cáster

Aquarela de António Joaquim.

Padre Albano de Paiva Alferes



Selo do Concelho da Feira.
(século XIII).

O Bispo de Coimbra, a cuja diocese pertencia a Cidade de Santa Maria, beneficia, em 1097, da doação dum herdade na Vila de Caldelas, «perto da Cidade de Santa Maria».

O topónimo «Santa Maria» deve ter derivado dum antiquíssima ermida existente junto ao Castelo e devemos também lembrar que, no perímetro da freguesia da Feira, em Campos, se encontram as ruínas dum ermida de Santa Maria, cuja fundação remonta, pelo menos, aos primeiros séculos da Monarquia Portuguesa. (Censual do Cabido Portuense, p. 288).

Num documento de 1112, citado por Ribeiro nas Dissert. Cron. diz-se que um tal «Pedro Gonçalves possuía a Cidade de Santa Maria». Viterbo, no Elucidário, no artigo «Senhores» diz que o «Conde Ermígio Moniz presidia à Cidade de Santa Maria».

Viterbo continua a afirmar que nos documentos de Pedroso há grande número deles «que falam na Cidade de Santa Maria que, hoje, é a Vila da Feira».

Há um selo da Vila da Feira pendente dum documento de 1284, cuja legenda se encontra truncada por fractura e que o Dr. Aguiar Cardoso reconstituiu: «sig. Civitatis Sante Marie».

O topónimo «Feira» apareceu, pela vez primeira, na Carta do Couto de Asseloa, Albergaria a Velha, dada por D. Tereza, em 1117, «na Terra de Santa Maria, onde chamam Feira (ubi vocant Feira)».

É quase certo que a concentração da vida oficial na Cidade de Santa Maria e o estabelecimento, ali, dum feira deram grande incremento à população do local que começou a tomar o nome de «Feira», impondo-o por fim ao concelho. Esta feira já, ali, se fazia, em 1137, como afirma

Padre Albano de Paiva Alferes

Viterbo (Elucidário palavra Feira III). É curioso lembrar que o Rei D. João I instituiu, em 1407, uma feira quinzenal na Vila da Feira.

Herculano (Hist. V. I) também se refere a «Cidade de Santa Maria».

Não podíamos deixar de meter, também, neste barulho o «nosso» Pinho Leal (Port. Ant. e Mod. V.X, pág. 8 que não deixa de afirmar que a «Cidade de Santa Maria» é, hoje, a Vila da Feira.

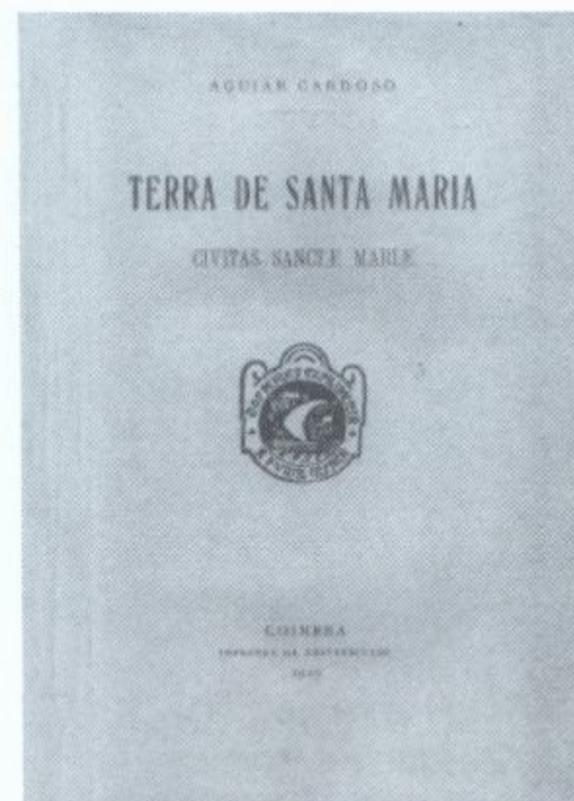
Chegados a este ponto parece que estamos a ver ocultos nas sombras os anti-clericais e os jacobinos a ferver...e a querer ressuscitar velhos fantasmas...

Não tenham medo pois temos mesmo, aqui, à ilharga, a Cidade de São João...da Madeira e do outro lado a freguesia de Santa Maria...de Lamas, cuja imagem figura na bandeira do concelho da Feira.

No estudo que estamos a fazer não presumimos, de forma alguma, ter dissecado o assunto e dito a última palavra sobre o mesmo. Em questões históricas nas quais se tenha de entrar, mais ou menos, nos domínios da presunção, há, sempre uma porta aberta para outras soluções.

Vamos a terminar com um apelo aos Senhores Deputados do distrito para que envidem todos esforços, na Assembleia da República, de forma a ser passada a certidão de óbito ao Topónimo «Vila da Feira» para dar lugar à Ressurreição da sempre nobre, ativa e veneranda «CIDADE DE SANTA MARIA DA FEIRA».

O CDS, no seguimento e com os argumentos da tese do Senhor Padre Albano, apresentou novo projecto de Lei para elevação da Vila da Feira a Cidade com o nome de Santa Maria da Feira.



Capa do Livro "Terra de Santa Maria" - Civitas Sanctae Mariae de Aguiar Cardoso, 1929.

Padre Albano de Paiva Alferes



Na Homenagem da Comissão de Vigilância, na mesa, da direita para a esquerda Monsenhor Domingos Brandão, Henrique Veiga de Macedo, Conselheiro Mário Cancela e Eduardo Vaz de Oliveira.



Pe. Albano; Monsenhor Domingos Brandão; Alfredo Henriques, Presidente da Câmara da Feira, D.^a Luiza, Directora do "Correio da Feira" e D.^a Virgínia Cavaco.

“O Correio da Feira”, atento aos dois projectos, alertou para o perigo de jogos partidários prejudicarem o interesse colectivo ⁵.

A Assembleia Municipal, reunida em 26/9/1984, aprovou uma proposta no sentido de ouvir o Conselho Municipal, nos termos do n.º 1 do art.º 66.º do Dec.-Lei n.º 100/84, para se pronunciar sobre a pretensão de a Vila da Feira, a ser elevada a Cidade, tomar a antiga designação de Cidade de Santa Maria da Feira⁶.

O Conselho Municipal, a que presidia o P. Albano Alferes, em sua reunião de 24/11/1984, deliberou, por unanimidade e subsequente aclamação, que fosse dada a designação de “Santa Maria da Feira” à futura Cidade ⁷.

Os três partidos acordaram em fundir os projectos num só.

Por deliberação da Assembleia da República, de 9 de Julho de 1985, a Vila da Feira ascendeu à categoria de Cidade de Santa Maria da Feira.

⁵ Correio da Feira, n.º 4446 de 30/11/1984.

⁶ Correio da Feira, n.º 4443 de 9/11/1984.

⁷ Correio da Feira, n.º 4447 de 7/12/1984.

Padre Albano de Paiva Alferes



No Palácio de Belém, o Senhor Presidente da República, General Ramalho Eanes, impõe as insígnias de Oficial ao Pe. Albano de Paiva Alferes, o "Nosso Alcaide".

Foi cumprida a promessa de "promoção" feita no Castelo da Feira aquando da Inauguração do Monumento a Fernando Pessoa.

Por Dec.-Lei n.º 39/85, de 14/8/1985, foi criada a Cidade.

O Pe. Albano, em extenso artigo publicado no jornal "Correio da Feira", registou todos os passos, propostas, moções, proponentes para que à Cidade fosse dado o nome de Santa Maria da Feira.⁸

Sem dúvida que o Autor da moção que fundamentou o nome da cidade foi o Padre Albano.

É justo aqui sublinhá-lo!

⁸ Correio da Feira, n.º 4470 de 19/7/1985.

Padre Albano de Paiva Alferes



A audiência com o Senhor Presidente da República.

Integrou em 1985 a Comissão de Honra da Homenagem ao Senhor Dr. Henrique Veiga de Macedo, Ministro de Portugal, que culminou com a colocação de dois bustos na praça pública: um em Vila da Feira e outro em Santa Maria de Lamas.

A Comissão de Vigilância do Castelo da Feira prestou-lhe significativa Homenagem, no dia 1 de Março de 1986, em cerimónia que teve o seguinte programa:

17,00 horas - Missa celebrada pelo homenageado, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, ao Castelo;

18,30 horas - Descerramento do retrato do homenageado, na sede da Comissão;

Padre Albano de Paiva Alferes



Pe. Albano recebe felicitações de Celestino Portela.



Os acompanhantes foram recebidos pelo casal Eduardo Vaz e D. Carmina na sua casa de Lisboa.

19,30 horas - Jantar de homenagem, no salão nobre do Castelo da Feira, seguido de Sarau Medieval pelo Grupo dos Madrigalistas do Orfeão Universitário do Porto.

Cerimónias lindas quando vividas e belas quando recordadas na saudade!

O Senhor Presidente da República condecorou o Padre Albano com as Insígnias de “ Oficial da Ordem do Infante D. Henrique”, em cerimónia que teve lugar no Palácio de Belém, pelas 11 horas do dia 1 de Fevereiro de 1986.

Acompanharam o novo Comendador, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, Alfredo Henriques, Membros da Comissão do Castelo e da LAF e alguns Amigos.

Padre Albano de Paiva Alferes

A cerimónia decorreu com muita alegria e boa disposição, de acordo com a promoção de um “Alferes de 78 anos” a Oficial Superior, a que não faltou um Porto de Honra oferecido pela Presidência da República.

O almoço foi oferecido pelo casal Eduardo Vaz e D. Carmina, na sua Casa de Lisboa, um gesto que sensibilizou toda a comitiva e permitiu dar largas à alegria que todos viviam, sentindo que o “Espírito Feirense” estava com eles.

Esta uma sinopse para o estudo da Personalidade e Vida do Padre Albano de Paiva Alferes.

Para nós um preito de homenagem em que evocamos, com saudade e admiração, o Companheiro e o Amigo.



Pe. Albano após a condecoração, com os amigos que o acompanharam.

A Terra de Santa Maria *O Território; os Homens; a História; E Hoje?*

por Eduardo Vaz de Oliveira

1- É muito difícil determinar hoje, com rigor, os limites das antigas circunscrições medievais devido à falta de elementos documentais, como refere o Prof. José Mattoso.

Por outro lado, as diferentes concepções do espaço existentes na Idade Média e nos dias de hoje, e as próprias alterações periféricas dos limites ocorridas ao longo de séculos, tornam mais difícil ainda, resolver este problema com segurança.

No caso da “Terra de Santa Maria” verificam-se, porém, duas circunstâncias que facilitam bastante a abordagem deste assunto.

Em primeiro lugar, pelo facto de a Terra estar demarcada por acidentes geográficos muito fortes: - a Norte, o rio Douro; a Sul, o rio Vouga; a Oeste, o Oceano e a Leste, as regiões montanhosas de Arouca, de Cambra e de Sever.

Em segundo lugar, porque a luta ocorrida nos anos 1115-1120, entre os Bispos do Porto e de Coimbra, sobre a posse da “Terra”, e que acabou por atribuir grande parte daquela antiga “Terra” à Diocese do Porto, veio trazer ao problema dos limites geográficos elementos documentais importantes, existentes nos arquivos diocesanos.



*Castelo de Santa Maria da Feira
Óleo s/ tela de António Joaquim.*

A Terra de Santa Maria

2 - Não se conhecem hoje, com precisão os limites iniciais daquela “Terra”, quando Afonso III de Leão, por volta do ano 868, resolveu submeter este território a uma organização administrativa e militar, à semelhança do que, na mesma altura, procedeu com Anéjia, Seia, Viseu, Lamego e Coimbra.

Mas aquela disputa entre os dois Bispos permitiu definir com um certo rigor a existência de um “NÚCLEO CENTRAL” com aquele nome, e que tem gozado de uma estabilidade impar ao longo de vários séculos, ao contrário do que sucedeu com outras circunscrições medievais que desapareceram totalmente como unidades de referência.

Deste núcleo central fazem parte territórios que hoje se distribuem pelos actuais concelhos de Albergaria a Velha (parte) Castelo de Paiva (parte) Arouca (parte) Espinho, Estarreja, Gondomar (parte) Murtosa, Oliveira de Azemeis, Ovar, S. João da Madeira, Sever do Vouga (parte) de Vale de Cambra (parte) e Vila Nova de Gaia.

3 - Os grandes acidentes geográficos atrás referidos não se limitaram, porém, a definir um ESPAÇO. Delimitaram, também, uma ZONA ECONÓMICA, por força da diversidade das terras que a constituíam e por força, também, da própria localização daquele território como passagem obrigatória que foi entre os dois grandes pólos urbanos e políticos de então: Coimbra e Porto.

Com efeito, as serranias davam aos seus habitantes a caça, a pastorícia e a exploração dos bosques; as planícies do litoral forneciam os cereais, a vinha e a horticultura; os rios e o mar davam a pesca. E mais do que isso: na zona de Válega e Cabanões o mar dava-lhes o sal que era, então, elemento essencial para a conservação da carne e do peixe.

Os habitantes do interior davam-se, também, ao cuidado de criar trutas em tanques, tradição que ainda hoje se mantém na freguesia do Vale, do Concelho de Santa Maria da Feira. E esta indústria atingiu tal pujança, que mais tarde, chegou a criar-se o cargo de - “TRUTEIRO REAL” - o qual estava encarregado de abastecer a Côrte e de velar pela cobrança de um tributo de pescado.

A par desta actividade agrícola e industrial, a localização da “Terra” como ponto obrigatório de passagem entre o Sul e o Norte, favoreceu o aparecimento de uma forte actividade comercial, que a rede viária nela implantada facilmente comprova. (Ver mapa)

Uma zona rica como esta, protegida por acidentes naturais que lhe ofereciam um certo grau de segurança contra incursões, facilmente atraiu gentes de toda a parte. Veio para ali, desde logo, uma pequena nobreza que ali instalou os seus solares, e que se sentia melhor longe da grande nobreza, de quem dependia. Esta última vivia nos centros urbanos.

Foram para ali, também, agricultores preocupados com a sua subsistência;

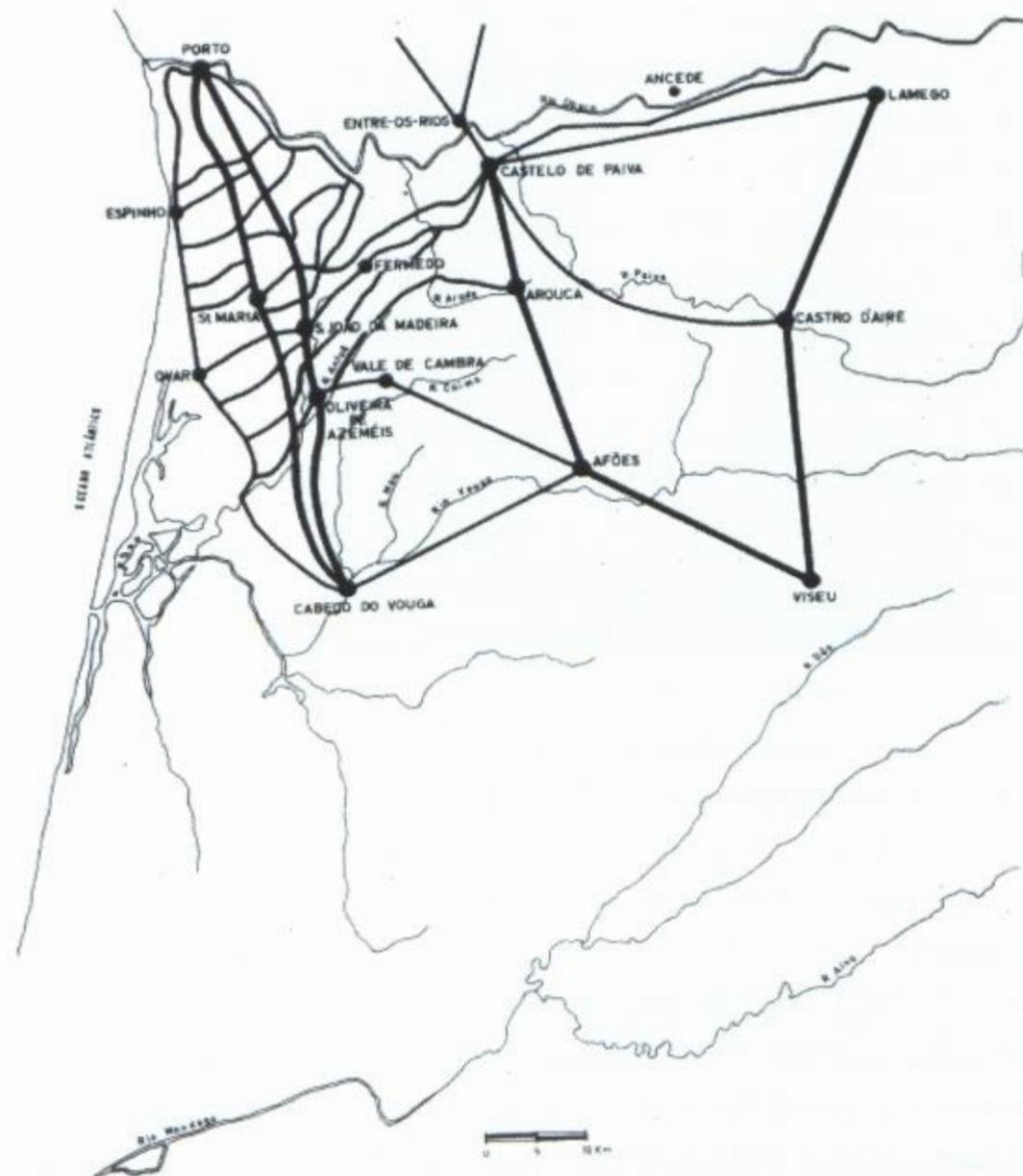
A Terra de Santa Maria

deslocaram-se ainda para aquela “Terra” cavaleiros desejosos de prestígio e até de uma melhoria económica que os despojos da guerra com os sarracenos sempre traziam. Mas, para além de cavaleiros isolados, outros houve desde o séc. X, enquadrados em organização militar, o que lhes dava uma força acrescida e uma mobilização mais rápida.

Nos primórdios da “Terra” foram cavaleiros de fronteira; mais tarde, depois da conquista de Coimbra (1067), a “Terra” passou a funcionar como grande viveiro de guerreiros que alimentava a fronteira sul na luta contra os sarracenos.

A par do “espaço geográfico”, da “zona económica” e da “região militar”, a existência de dois grandes mosteiros - Pedroso e Grijó - trouxeram à “Terra” o elemento espiritual e cultural de que ela necessitava para se completar como identidade.

Além destes dois grandes mosteiros, mais de duas centenas de pequenos mosteiros-



As estradas medievais da Terra de Santa Maria e da zona a leste.

A Terra de Santa Maria

no dizer do Dr. Arlindo de Sousa - distribuíam-se por toda a “Terra”, oferecendo àquelas gentes para além de um indiscutível nível cultural, a possibilidade de funcionarem administrativamente como “cartórios notariais”, para a redacção de documentos.

A sua auto-suficiência económica, a sua força militar e a presença da Igreja deram assim àquela “Terra” o sentimento de uma certa “identidade cultural”; mais ainda: um certo “sentimento de independência” em relação aos territórios vizinhos dos quais estava separado por uma “muralha” de acidentes geográficos, muralha esta que obrigava, as suas gentes, a lutarem pela sua auto-suficiência. A própria identidade que foram construindo não se fechava porém sobre si mesma. Era todos os dias enriquecida no contacto com gentes de cultura diferente que num e noutro sentido cruzavam a “Terra”. De recordar aqui as sensibilidades moçárabes que vindas de Coimbra cruzavam uma terra de pendor Apostólico e Romano.

Este contacto com outra gente - OS OUTROS- com quem falavam e negociavam na passagem pela sua “Terra”, acabou por reforçar nos santamarianos a consciência do seu próprio EU. Por outro lado, os valores cristãos de pendor mariano que os mosteiros e ordens religiosas lhe levaram, contribuíram para ajudar a moldar, também, a sua identidade. Identidade que naquela zona ainda hoje se mantém com características muito precisas. É a Firmeza doce de Maria que leva esta gente à intransigência face aos princípios e a uma tolerância aberta com a diversidade das pessoas. É a Esperança serena de Maria que a todos anima quando as tempestades assolam as suas vidas e os seus bens.

Mas é também a Confiança na protecção maternal de Maria que as gentes santamarianas sabem casar harmoniosamente com a obrigação que sentem de cumprir a sua tarefa de “dominar a terra”.

Nasceu neste povo, assim, uma coragem esforçada, uma imaginação criadora, um gosto pelo risco e pela iniciativa, um sentido de responsabilidade e um forte espírito de associativismo.

Entre esses valores, ressalta ainda uma generosa disponibilidade que leva esta gente a uma convivência fácil e a uma compreensão aberta com os outros, qualidades que uma extensa rede viária, atravessando todo o território, lhes foi propiciando e que ainda hoje se mantém. É também uma Fé mariana, de saber esperar quando tudo à volta parece perdido.

É esta Fé que leva a gente santamariana a suportar, no séc. X, duas devastadoras invasões árabes, comandadas pelo Almansor, e, por duas vezes, a leva a reconquistar os territórios perdidos e a restituir à região devastada o nome de «Santa Maria». E é ainda a vontade firme desta gente que leva a apoiar a luta pela independência encabeçada pelo

A Terra de Santa Maria

Infante D. Afonso. Apesar da “Terra” estar integrada, administrativamente, na «zona de Coimbra», que era contrária àquela independência.

4 - É neste ambiente geográfico, económico, militar, sociológico e cultural que surgem nos princípios do Séc. XII as convulsões políticas resultantes da morte do Conde D. Henrique.

A viúva, - a Rainha D. Teresa -, a breve trecho deixou-se envolver com Fernão Perez de Trava, fidalgo galego ao serviço do Arcebispo de Compostela Diogo Gelmirez, que tinha intenção de submeter ao seu controle o Condado Portucalense.

Como guarda avançada tinham vindo para o Condado, especialmente para o Porto, grandes migrações galegas; ao mesmo tempo, a pequena nobreza portucalense começou a ser substituída por gente da Galiza, nos seus cargos e privada, ainda, das suas terras que lhe asseguravam o prestígio e o sustento. Mais tarde o “ataque” económico e administrativo alastrou contra os grandes senhores da Terra.

Assim sucedeu, por exemplo, com a família Moniz, de Riba Douro (Ermígio, Mendo e Egas); com a família de Nuno Soares, de Grijó, com os senhores do Marnel (Pêro Gonçalves) e com os Sousas, da Maia.

Estas famílias, que possuíam vastas propriedades, quer no Alto Minho, quer na Terra de Santa Maria, foram sendo confrontados com a ameaça de perderem tudo -



Nossa Senhora do Castelo Velho.

*Capela do Castelo de Santa Maria da Feira.
Escultura de calcário. Estofada e policromada.
Século XVI.*

*“Algumas das mais preciosas e belas imagens de
Nossa Senhora, existentes na diocese do Porto”.
Autor: D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxili-
ar da Diocese do Porto.*

A Terra de Santa Maria

prestígio e bens- por intervenção de uma campanha orquestrada do exterior, primeiramente subtil e, depois, frontal.

Uma hora houve em que estas famílias resolveram juntar-se e revoltar-se contra este movimento de ocupação. Arvoraram, então, como bandeira o jovem infante D. Afonso, que não via com bons olhos a situação da mãe e começava a temer, também, pelo futuro que lhe estava a ser reservado.

Nasceu, assim, a necessidade da revolta. Marcharam, por isso, contra Guimarães então capital do poder político — e em S. Mamede “consolidaram” a sua independência.

A “Terra de Santa Maria”, com a força da sua **numerosa população**, com a pujança da sua **economia** e com a determinação da sua **força militar organizada** acabou por exercer um papel preponderante neste movimento de revolta.

E cedo Fernão Perez de Trava se tinha apercebido do perigo que a família de Pero Gonçalves, do Marnel - o grande senhor da “Terra de Santa Maria” - representava para ele. Substituíra-o, como primeira medida, no Governo de Coimbra, deixando-lhe apenas o lugar de alcaide do Castelo de Santa Maria.

E como Fernão Perez de Trava era já governador do Porto tudo parecia correr favoravelmente para se tornar um dia o representante de D. Diogo Gelmirez no Condado.

Não contou, porém, com a revolta dos barões portugalenses. E quando esta começou a ganhar corpo com a rebelião dos Castelos de Neiva, Faria, Guimarães e Feira, Fernão Perez de Trava resolveu avançar com as suas tropas, que tinha em Coimbra, em direcção a Guimarães, para onde os revoltosos se tinham dirigido também.

Não o fez, porém, atravessando a Terra de Santa Maria, que era o caminho mais curto e até mais fácil, pois que lhe permitia seguir pela velha estrada romana. Sabendo que essa “Terra” lhe era um território adverso, torneou por Seia, Celorico, Trancoso e Lamego, Terras do Bouro, e daí para o Castelo de Lanhoso, aonde vieram a juntar-se os cavaleiros que tinham vindo da Galiza para o ajudar.

Por tudo quanto anteriormente se deixou exposto, facilmente se compreende que os homens de Santa Maria não foram bater-se em S. Mamede para conquistar propriamente a sua independência. Foram até lá para defenderem uma “INDEPENDÊNCIA DE FACTO” de que já desfrutavam e que estava a ser ameaçada pelos Senhores da Galiza. As forças militares que partiram de Santa Maria não constituíam, pois, um simples corpo de guerreiros revoltados. Era já o germen de uma “NAÇÃO ARMADA” em marcha.

5 - Por aqui se vê que o movimento que levou à independência de Portugal, em primeiro lugar, e, depois, ao esforço de consolidação daquela independência, não foi, -



A Terra de Santa Maria

como durante tanto tempo tem sido ensinado, - o resultado da intervenção de um só homem - Afonso Henriques; de uma só batalha - S. Mamede — ou da revolta de um só Castelo - Guimarães.

A independência de Portugal é o resultado de um querer e esforço colectivos, onde intervieram vários líderes, num espaço sociologicamente muito alargado, definido por áreas de domínio dos Castelos de Neiva, Faria, Guimarães e Santa Maria da Feira.

Isto não invalida o valor dos diversos líderes intervenientes, nem o papel de D. Afonso Henriques, nem a importância daquela batalha olhada embora não como “causa” mas como “consequência” de uma “independência” já vivida. Apenas se pretende acentuar que, tal como tem sucedido com outros movimentos sociológicos-históricos não são líderes que fazem nascer a vontade colectiva latente, mas esta quem faz surgir os líderes.

6 - Ultimamente tem-se acusado injustamente “O Castelo” e a “Terra de Santa Maria” de, com esta visão estrutural da história quererem retirar ao Castelo de Guimarães o título de “berço da nacionalidade” ou de reduzir o seu papel no movimento para a concretização da nossa independência. Nada mais errado. Aquilo que se pretende esclarecer é apenas que Guimarães não foi o único nem o principal Castelo interveniente neste movimento. Mais. Não se contesta, sequer, que tenha ressalvado para si o título de



Senhora de Março ou da Anunciação.

Ante-coros do Mosteiro de Arouca.

Escultura de calcário.

Policromada; orla do manto dourada.

Ano: à volta de 1723.

Autor: Jacinto Vieira, escultor bracarense.

“Algumas das mais preciosas e belas imagens de Nossa Senhora, existentes na diocese do Porto”.

Autor: D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar da Diocese do Porto.

A Terra de Santa Maria

“berço da nacionalidade”.

Para a Terra de Santa Maria e seu Castelo, porém, o título que melhor se coaduna com o carácter decisivo da sua participação neste movimento é outro: é o de “Terra Mãe da Nacionalidade Portuguesa”.

Como escreveu o Prof. José Mattoso;

«O papel decisivo da “Terra de Santa Maria” no movimento que levou à independência não pode medir-se apenas pela força política da sua intervenção.

A Terra de Santa Maria pode ser considerada como uma região que no caso de ter estabelecido uma ligação preferencial a Coimbra, deveria ter, teoricamente, inviabilizado a construção de novo reino.

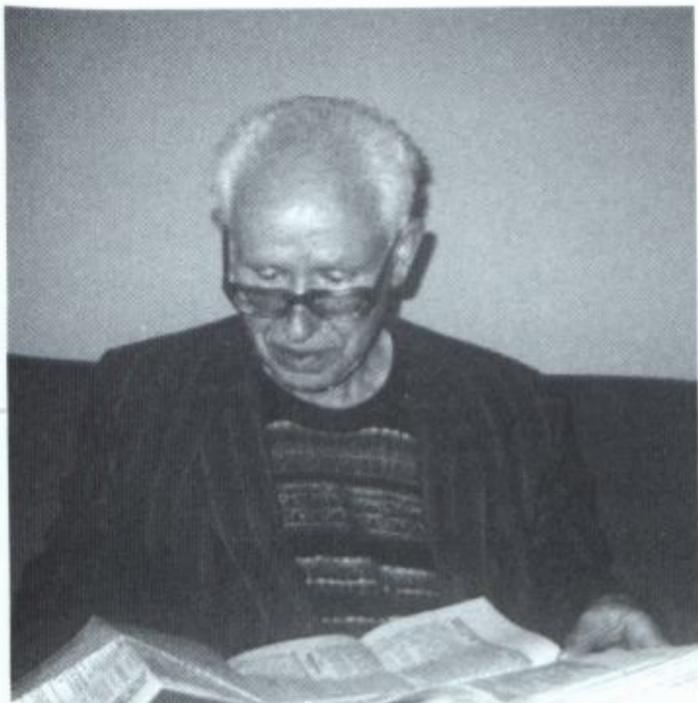
Em vez disso associando-se a Portucale e garantindo o seu prolongamento em direcção à mesma cidade de Coimbra acabou por constituir o elo de ligação com ela».

7 - É já um lugar comum, dizer-se que a história não se repete. E de certa forma assim é, na impossibilidade natural da repetição do tempo e dos intervenientes.

Mas será mesmo que a História, não se repete no que respeita aos grandes movimentos sociológicos ?

Com esta interrogação e, olhando a hora presente e tudo que se vem passando à nossa volta, torna-se necessário e muito urgente repensar Portugal, e repensá-lo na suas vertentes: morais, religiosas, económicas, políticas, sociológicas, militares, etc. ..., de modo a salvaguardar a sua alma sem prejuízo de se ter em conta, também, a necessidade de considerar certos condicionalismos actuais.

Mas antes de procurar resolver alguns aspectos sectoriais - e acima de tudo - é preciso tocar a rebate e alertar a consciência de todos os portugueses: - isto é, alertar os Homens que são, sem duvida, e sempre, os grandes obreiros de todas as adaptações aconselháveis mas também de todas as resistências indispensáveis.



Observações Toponímicas^(1a)

por Domingos A. Moreira

Este estudo, entregue há anos ao Instituto Galaico-Minhoto onde ainda não foi publicado, é dado agora a conhecer às pessoas do concelho de Santa Maria da Feira, onde se situam os topónimos estudados.

I - Casaldoído

(Caldas de S. Jorge - Santa Maria da Feira)

Este nome geográfico já mereceu a atenção do Prof. Arlindo de Sousa em 1942 ao escrever: "Em **Casaldoído** entra o elemento **ídolo** (Casal - do ídolo)"^(1b). Esta interpretação era muito sugestiva, pois assim denotava-se um facto arqueológico relacionado com um culto de religiões primitivas. Efectivamente o vocábulo latino *idolu* / português *ídolo*, apesar de W. Meyer-Lübke desconhecer-lhe descendência românica no seu *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, parece estar reflectido na nomenclatura geográfica na forma popularmente evoluída *io* como parece aduzir-se de vários factos onomásticos, o que condiz até com o facto de o mesmo vocábulo ter-se expandido entre os falares célticos e germânicos como mostraram A. Ernout e A. Meillet^(1c). Assim, a par da forma plena *ídolo*, ainda no século X na expressão documental do ano de 964 "*uilla de ídolo subtus monte gabro secus riuulo uauga territorio uisense*"⁽²⁾, aparece depois em 1258 a forma evoluída *io* na expressão documental "*riparia de io*"⁽³⁾ hoje **Ribeiradio** (Oliveira de Frades), parecendo acontecer idêntico caso na mesma data de 1258 com "*Portela Dy*"⁽⁴⁾ hoje **Porteladia** (Facha - Ponte de Lima). Embora à primeira vista **Porteladia** recorde o frequente topónimo **Portelada** como também o topónimo **Ribeirada** (Rocas do Vouga) lembre **Ribeiradio**, não parece haver uma relação morfológica entre as duas séries vocabulares, pois nas formações em *-ada*, alicerçadas em substantivos (Portela, Ribeira, etc.), não aparecem ampliações sufixais em *-ia*, uma vez que, a par dos topónimos **Carvalhada** (Freixo de Baixo - Amarante), **Caniçadas** (Alpendorada e Matos - Marco de Canaveses), **Cortiçadas** (Salir - Loulé, etc.), **Costada** (Lamoso - Paços de Ferreira), **Lameiradas** (Arcozelo das Maias - Oliveira de Frades), **Pereirada** (Guisande - Feira), **Milharadas** (Grândola, etc.), não há também

Em letras árabes:

←| ١ڤ |←

Em letras nossas:

↳ **Valid** ↳
(*Olid, Ulid*)

(as setas indicam a direcção da leitura: da esquerda para a direita e vice-versa a mesma letra tem aqui o mesmo tom de cor)

Observações Toponímicas

Carvalhadia*, **Caniçadia*, **Cortiçadia*, **Costadia*, **Lameiradia*, etc., enquanto nos topónimos em *-ada*, alicerçados em verbos, o caso já é normal, como se vê dos topónimos **Regada (S. Pedro do Sul) e **Regadia** (Poiães - Ponte de Lima, etc.) ou **Regadio** (Fiães - Feira), **Tomada** (Calvos - Guimarães, etc.) e **Tomadia** (S. Eulália de Rio Covo - Barcelos), alicerçados nos verbos **regar** e **tomar** (isto é, terra regada, tomada ou conquistada). Por isso parece de manter-se a relação de **Porteladio** e **Ribeiradio** com *idolu/io*.

Mas no âmbito geográfico (Norte e Centro de Portugal) descondiz idêntica interpretação para **Casaldoído** (Caldas de S. Jorge - Feira), dado que nesta área as consoantes originais intervocálicas *d* e *l* (de *ídolo*) emudeceram, isto é, o *d* já no século X como se vê do caso do nome pessoal *Uimaredo* já escrito *Uimareu* em 938 e nome pessoal *Vermudo* citado em 953 perante o topónimo correspondente *Vermui* em 984⁽⁵⁾ e da inexistência duma forma **Casaldio* (para *Casaldoído*) além do facto, quanto à consoante *l*, de o seu emudecimento se registar um pouco mais tarde no século X-XI, como se comprova de exemplos como *Fafiaz* perante *Fafilaz* etc.⁽⁶⁾

Em suma, a interpretação de *Casaldoído* como tendo sido outrora “casal do ídolo” (estatueta de algum deus primitivo) apesar de muito interessante e sugestiva pelo aspecto arqueológico-histórico, não tem em linha de consideração toda esta problemática linguística.

O caso de *Quintal do Ídolo* ou *Idro*⁽⁷⁾ em Braga, onde apareceu uma lápide com o nome de deus **Tongoenabiagus**, deve representar possivelmente uma forma moderna e não oriunda já da Idade Média em virtude de aparecer isenta do referido emudecimento, não destoando porém proceder da época medieval a forma *Idro* (na hipótese de não ser variante recente de *Ídolo*) pela razão de a consoante *d* já não ser intervocálica, o que lembra paralelamente o caso de *Rodorigus* do século IX perante *Roorigo* do século XIII e *Rodrigo* do século X⁽⁸⁾.

Quanto ao caso de “Valle del *Ido*”⁽⁹⁾ assim escrito em 1258 como sendo um local da freguesia de Britelo (Celorico de Basto), embora lembre quanto ao artigo a expressão do século XIII “Paaos del Conde”⁽¹⁰⁾, a sua relação etimológica com *idolu* / “*ídolo*” não se impõe, dada a manutenção da consoante *d* bastante depois do século X, o que leva a perguntar se em “*Ido*”, em vez de haver uma consoante originária *d* (de *ídolo*), não será esta uma evolução posterior duma consoante originária *t*, ou seja, não se englobará “*Ido*” na série dos nomes pessoais do século X e XI *Idila*, *Idilo*, *Ididu*, *Idia* (com *d* proveniente dum anterior *t*), todos eles conexionados com os nomes pessoais *Itila*, *Itilu*, *Itimondo* abonados ainda na mesma época⁽¹¹⁾? A presença do artigo (*el* = *o*) antes dum nome pessoal, como seria por hipótese *Ido*, nota-se também noutros casos como nos topónimos actuais *Vale*

Observações Toponímicas

do Godinho (Góis), Vale do Jorge (Brenha - Figueira da Foz), Vale do Rodrigo (Areias - Ferreira do Zêzere), etc. Uma vez que desconhecemos a grafia e pronúncia popular actuais no local em ordem à confirmação do exposto (que supõe actualmente uma forma *Valdoído), resta ainda perguntar por outra possibilidade: se a grafia documental "Valle del Ido" não estará por "Valle de Lido" pois na mesma série documental de 1258 aparecem outros casos análogos: "Roderico Dagabi" perante "Ero Martinis da Gabi", "casal do Sevio" = casal d'Osébio, etc.⁽¹²⁾. Demais a existência, embora rara, de nomes pessoais em Lit / Lid como *Litardo*, *Liderich*, *Ildelitae*, etc.^(13a) dá também algum alicerce a esta segunda possibilidade, pelo que a autêntica interpretação não está perfeitamente concluída. No entanto, parece preferível a comparação de "Val del Ido" (-Valdoído?) com o topónimo orensano *Valduíde* abaixo mencionado.

Também por seu lado os topónimos "cauadoute" em 1320 hoje *Cavadoude* na Guarda^(13b) e "Doide" em 1127, hoje *Doude* (Vila Maior - S. Pedro do Sul), relacionados com o nome pessoal árabe *Dáwud* / medieval *Daute* e *Daude*^(13c), cognato^(13d) do hebraico *David*, nenhuma luz comparativa trazem para *Casaldoído* e *Valduíde*, uma vez que *oi* em *Doide* é ditongo, enquanto em *Casaldoído* e *Valduíde* tal já não acontece.

A manutenção da consoante *d* (de ídolo) em *Casaldoído* indica por consequência uma consoante originária *t*, depois evo-



Cartaz colocado num painel publicitário com as ruas e lugares da Vila de Caldas de S. Jorge.



Placa indicativa do nome da rua.

Observações Toponímicas

luída em *d* segundo o modelo de *totu / todo*, etc. Efectivamente a expressão documental “Casale de *Vlidi*”⁽¹⁴⁾ do ano de 1101 referente a Casaldoído, dado citar também S. Jorge e Lobão, indica a orientação da pesquisa onomástica. Realmente o nome pessoal *Vlidi* aparece escrito quer com *V* (= *U*) quer com *O* (por vezes em e outro precedidos de *H*) à semelhança dos topónimos *Vlueyra* em 1277 a par de *Ulveira* em 1258 e *Oliueira* em 998 além de *Hulvar* em 1258, *Vbil* em 1057 a par de *Obil* em 1070: *Oliti* em 874, *Olit* em 1006, *Olidi* em 973, *Olide* em 1006, *Olid* em 1098, *Holiti* em 946, *Holidi* em 1048⁽¹⁵⁾. O nome pessoal *Vlidi* ou *Holiti* (com *t* original evoluído depois em *d*), transmitido pelos árabes propriamente ditos e depois por moçárabes e mudéjares e posteriormente usado até por cristãos, foi mesmo conhecido na zona feirense como se vê de “fredenando *olidiz*” citado em 1083⁽¹⁶⁾. De resto, o nome pessoal (*H*)*oliti* aparece noutros documentos do Centro e até Norte de Portugal⁽¹⁷⁾ e Galiza⁽¹⁸⁾ e assim é também possível que o mesmo nome pessoal esteja no topónimo galego *Valduide* (Loureiro - Irixe - Orense) apesar de o Prof. Dr. Piel ter em 1954 vislumbrado a possibilidade de se referir a um nome pessoal germânico em *hildi* ou ao nome comum *Vale* seguido do mesmo antropónimo^(19a), tendo em 1976^(19b) lembrado os nomes pessoais *Bauduilli*, *Baudihilla* (procedentes duma suposta forma anterior **Balduilli*), embora com incerteza por divisar a possibilidade da palavra *Vale* seguida de um nome pessoal ainda por identificar, que cremos ser o referido *Holiti*, para que o achado de formas medievais será decisivo.

David Lopes⁽²⁰⁾ relacionou com o nome pessoal *Olidi* os topónimos *Campolide* (Lisboa), *Povolide* (Viseu) e *Valhadolid* (Espanha). A manutenção ou não - emudecimento do *l* intervocálico é um facto observado na zona sul⁽²¹⁾ a propósito de topónimos como *Feliteira* de *filictu* «feito» (no Norte acha-se já na forma evoluída **Feiteira**, com o *l* intervocálico emudecido), etc. Quanto a *Povolide*, a forma “*Pubilidi*” e “*Pobelide*” de 1258⁽²²⁾ não deixa transparecer muito claramente a dita relação etimológica como até se nota doutra tentativa de interpretação de Joaquim da Silveira embora ainda pouco convincente⁽²³⁾. Sobre *Valhadolid*, outra interpretação mais detalhada (com recurso à onomástica céltica) foi já apresentada por A. Montenegro Duque^(24a).

Parece-nos que *Olidi* deve ser uma forma hispana evoluída do nome pessoal árabe *Walidi* (escrito por vezes *Goalit*, *Gualid*), idêntico a um nome comum homónimo no significado de «gerado, filho»^(24b); quanto a *wa - l - o*, cfr. casos de *wad - l od* - «rio», *wa sa (a)llah* ou antes *in xa (i)llah / oxalá*, *wa - llah / olé*, etc.^(24c).

Miguel Asín Palacios^(24d) também apresenta o topónimo *Reolid* de Albacete como tendo significado o «llano de *walid*» (plano, pequena planura de *Walid*).

No mesmo caso do referido topónimo *Valduide* parece estar também o «cãpo do

Observações Toponímicas

ual de uyde» em Recarei (Paredes) assim referido num documento de 1279 do mosteiro de Cete^(24e).

A evolução do nome pessoal *Valid*, também com o sentido originário de «bem nascido, nobre»^(24f), para a forma *Oliti / Ulit* foi já também anotada por Victoria Aguilar Sebastián e Fernando Rodríguez Mediano^(24g).

II - Gaiate

(Milheirós de Poiares - S. Maria da Feira, etc.)

Quanto a esta designação geográfica, já ortografada “Gaiati” em 1020⁽²⁵⁾, bem como *Ribeira de Gaiate Semide* (Miranda do Corvo - Coimbra) e *Pisão de Gaiate* (Rio Vide - Gândola), a que será de ajuntar *San Pedro de Gajate* (Pontevedra - Galiza) e *Gajates Salamanca* (Espanha), não parece verificar-se a possibilidade explicativa do nome pessoal germânico como em tempos sugerimos com base no primeiro elemento dos nomes pessoais *Gai-frid*, *Gai-prand* etc. e no segundo elemento dos antropónimos *Gum-attius*, *War-atto*, etc.⁽²⁶⁾, mas deverá tratar-se antes dum nome pessoal de proveniência árabe, com o que condiz também a distribuição geográfica de *Gaiate*. Na Idade Média é conhecido precisamente o nome do guerreiro árabe *Gaiate Ibne Alcama Alajmi*^(27a), o que não implica só por isto o seu vinculamento histórico ao topónimo correspondente em todos os casos, podendo também outra pessoa com o mesmo nome estar também ligada à origem histórica, (se não de todas, pelo menos duma ou outra destas povoações, já que nem sempre factu linguístico é sinónimo de factu etnológico, etc.).

Quanto a *i / j* de *Gaiate / Gajate* cfr. *indulyansiyas* «indulgências» no árabe andaluz^(27b), além do nome próprio grego *Aias* vertido por *Ajax*^(27c).

Quanto à letra *g* de *Gaiate*, é de notar que em árabe não há propriamente esse som^(27d) mas Leone Caetani e Giuseppe Gabrieli^(27e) citam o nome pessoal árabe «Abd al-salam b. Yazid ibn **Ayyath** al-Lakham al-Isbili al-sair = abu-l-Asbagh» com a variante *Ghayyath*. Ora, como já observaram Pedro Cunha Serra^(27f), Joaquim da Silveira^(27g), Arnald Steiger^(27h), Eoro K. Neuvonen⁽²⁷ⁱ⁾, palavras que eram iniciadas na língua semítica árabe pela consoante gutural chamada *ain* (como é o caso no nome pessoal *Ayyath*) aparecem muitas vezes representadas pela consoante gutural parecida *g* e *h* aspirado como se vê dos nomes pessoais árabes *Abdallah / Gabdella*, (*Maséud / (Muz)god* e (*Muz)hote*, *Omar / Gomar*, apelativos *aravia / (al)garavia*, etc., factu este também observado em topónimos

Em letras árabes:

← عَيْيَاث ←

Em letras nossas:

→ { *ayyath* / *qayyath* ←

(o sinal **w** indica que a letra é dupla. As setas indicam a direcção da leitura: da esquerda para a direita e vice-versa a mesma letra tem aqui o mesmo tom de cor)

Observações Toponímicas



Igreja de Milheirós de Poiares.

Placa indicativa do nome da rua.



da outra língua semítica que é a hebraica como é o caso de *Azza / Gaza, Eli / Heli, Amarah / Gomorra, etc.*^(27j).

Há também no domínio do árabe oscilação entre consoante surda e sonora como já lembrou Pedro Cunha Serra^(27l) no caso dos nomes pessoais árabes *Zado* e *Zato, Mahamudi* e *Mahamut, Musgod* e *Muzhote*. Assim também no nosso caso temos o nome pessoal árabe *Ayad* e *Ayat*^(27m) e que lembra o topónimo palestinese *Aiat / Hai* (1 crón.7.28, Isaías 10.28).

Chamava-se **Ajat** o chefe árabe que se revoltou contra o 1.º califa Abu Bequer e *Aiad* era o nome duma tribo argelina⁽²⁷ⁿ⁾, sendo muito possível ter a mesma procedência onomástica o topónimo **Gajat** da Abissínia^(27o). Quanto ao significado do antropónimo *Ayyat* (*Ghayyath*), deve ser o mesmo da palavra árabe homónima que significa «causador de danos». Tal significado não surpreende, pois há mais nomes pessoais árabes com sentidos parecidos^(27p) como *al-Khali* (“libertino”), *Khatib* (“pregador do diabo”), *al-Lain*, (“maldito”), *al-Muharrig* (“incendiário”), o que até condiz com a profissão do guerrilheiro árabe acima referido *Gaiate* ibne Alcama Aljmi. Este género de nomes pessoais tem sido considerado uma espécie de augúrio contra os inimigos^(27q), o que lembra de algum o caso dos nomes pessoais latinos *Funestus, Malificia, Nocentianus, etc.*^(27r) em oposição a *Innocentius, etc.*

Joan Caromines^(27s) propõe para os topónimos catalães *Gaiata, Gaieta, Gaeta, Las*

Observações Toponímicas

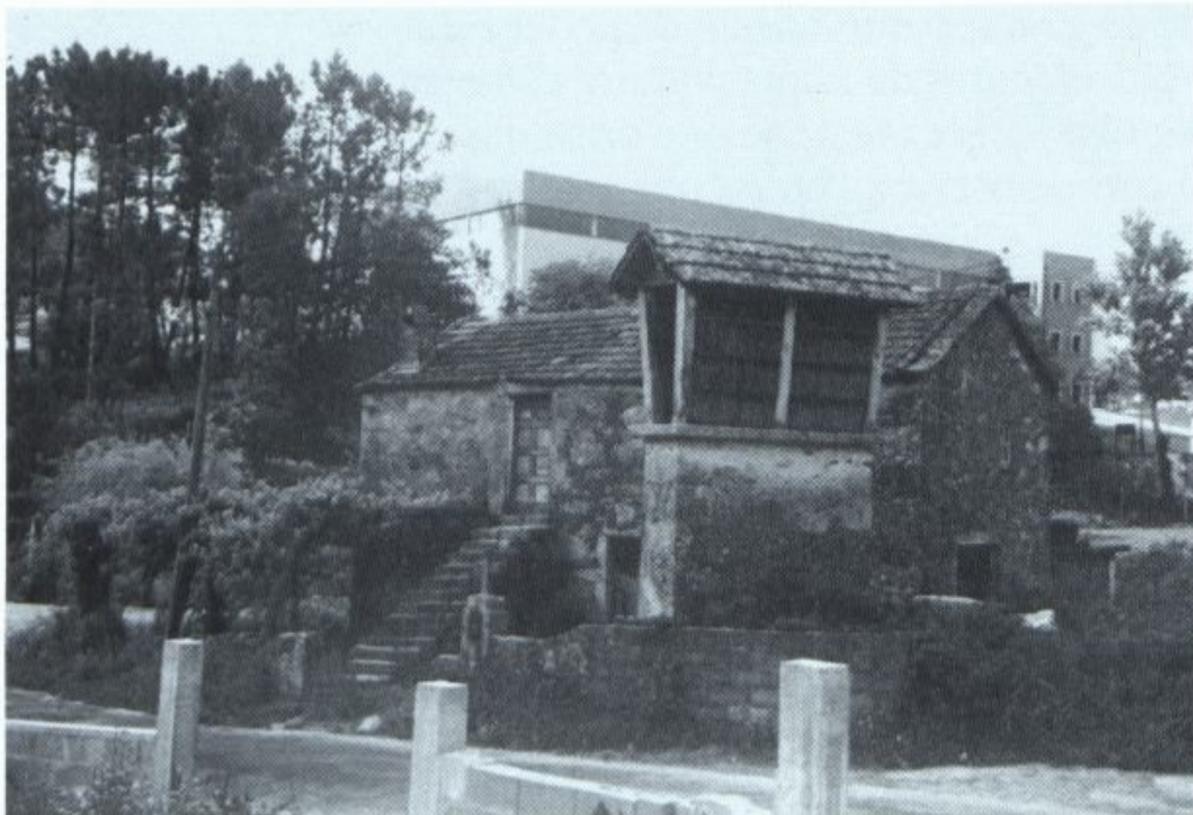
Gaetes o árabe *giyad* « bosques, ervaçais » (plural de *gaida*), o que, apesar de poder estar certo quanto aos casos catalães, naturalmente provenientes de nome comum como se comprova pela presença do artigo em *Las gaetes*, não parece afectar o que dissemos do documentado nome pessoal *Gaiat*, além de que, como observou Pedro Cunha Serra^(27t), é muito fácil em árabe a passagem dum nome comum a nome próprio.

III - Mouquim

(Romariz - S. Maria da Feira, Famalicão, etc.)

Sobre este topónimo, escrito “Mouquim” em 1251⁽²⁸⁾, já nos ocupámos em 1969⁽²⁹⁾. Assim, de acordo com a forma antiga “Maloquim” do ano de 1151 do topónimo **Mouquim** (de Famalicão), a qual indica ser **Mouquim** etimologicamente independente do topónimo antigo *Mougani* e do topónimo *Moucide* em Lugo - Galiza⁽³⁰⁾ e também de acordo com o patronímico (neste caso abonador de autenticidade linguística) do nome pessoal “*bertiario maloquinici*” do ano 965^(31a), indicávamos em 1969 estarmos perante um nome pessoal do tipo germânico de composição bitemática, relacionável por um lado com os antropónimos em Mal - como *Maluf*, *Malafuns*, *Malfred*, *Maltrud*, etc., a que podemos agora acrescentar *Malorix*, *Malutheus*, *Mallegundis*^(31b) e por outro lado relacionável com os nomes em -kin como *Eldequina* (conexionável com *Eldericus*), *Wilkino* (comparável a *Wilfridus*) e *Kalkino* (cognato de *Calandrus*) bem como os outros citados por Förstemann como *Aldechin*, *Hildikin*, *Baldechin*, *Landechina*, etc.^(32a). Em 1969 supusemos que o segundo elemento de “*malo-quinici*” (patronímico de **Maloquinus*) seria o sufixo -kinus, que é a acumulação do sufixo -ic de nomes pessoais germânicos como *Báldicho*, *Íldico*, *Lándico*, etc. com o sufixo -eins / -inus, formando o complexo sufixal - (i)kin, alemão moderno -chen^(32b) e daí *Baldechin*, etc., tal como acontecera também com o sufixo -ila de nomes pessoais como *Bértila*, *Gódila*, etc.^(32c), formando, com o sufixo -eins / -enus e -inus, o complexo sufixal - lenus e - linus, alemão moderno -lein^(32d) e daí nomes pessoais como *Bertlinus*^(32e), *Odelina*^(32f), *Godolenus*^(32g), *Waddolenus* etc.^(32h). A existência do nome pessoal *Eldequina* em 946, comparável a *Éldega* em 1965, ambos documentados na nossa Idade Média⁽³²ⁱ⁾, seria a prova da existência, embora rara, do mesmo tipo sufixal entre nós. No caso concreto de “*maloquinici*”, W. Meyer-Lübke^(32j) não crê no complexo sufixal - (i)kino mas sim no vocábulo gótico *quino* “mulher” documentado certamente na forma simples do nome pessoal *Keno*^(32l) e talvez como primeiro elemento dos nomes pessoais

Observações Toponímicas



Mouquim - Casa rural com espigueiro.

*Placa de sinalização,
da localização da
Freguesia de Romariz.*



Quineburga, Quinefrida, etc.^(32m) mas como segundo elemento von Grienberger pôs as suas reservas⁽³³⁾.

Posteriormente ao nosso estudo sobre **Mouquim**, J. Piel⁽³⁴⁾ apresentou em 1976 a ideia de o nome pessoal originante do topónimo *Mouquim* e *Mouquinho* ser o diminutivo do antigo nome pessoal *Ma(h)iloc*, tido como de origem celta por António Tovar⁽³⁵⁾ e que foi dum bispo do século VI da diocese galega de Britonia (Mondoñedo). Ora esta sugestão não nos parece viável em atenção aos dados já expostos e aqui referidos e até pelas circunstâncias seguintes: na alta Idade Média (séc. X - XIII) não se tem notado documentação do nome pessoal *Mailoc*, o que surpreende perante bastantes topónimos (*Mouquinho* em S. Vicente Pereira - Ovar; *Mouquim* em Famalicão, S. Pedro de Este - Braga, Rebordelo - Amarante, Vale Maior - Albergaria a Velha, além de Romariz - Feira). Por outro lado a evolução fonética *ail / al* (*Mailoc* - *Maloc*) não aparece documentada noutros casos para abonar assim esta possibilidade e facto fonético.

Actualmente já descremos da interpretação do complexo sufixal *-k - ino* em *maloquim(ici)*, pelo facto de na lista de Förstemann das formações onomásticas em *-kino*⁽³⁶⁾ a vogal anterior nunca ser *o* mas sim sobretudo *e* e *i* como se pode observar dos exemplos já citados. Por outro lado há uma série de nomes pessoais como o elemento *OK*, que, adicionado ao supra-citado elemento *Mal* (de *Mal-ulf*, etc.), bem pode dar conta

Observações Toponímicas

de “*mal-oqu-in (ici)*”. Eis exemplos coligidos: *Oko*, *Okkiko*, *Okino*⁽³⁷⁾, *Maniocus*⁽³⁸⁾, *Winocus*, *Guenocus*, *Senocus*, *Cadocus*, *Athalocus*, *Theodocus*⁽³⁹⁾, *Gontioko*⁽⁴⁰⁾. Em *Ataloco* J. Piel e D. Kremer⁽⁴¹⁾ viram o segundo elemento *loco* do antropónimo *Madalauco* e, quanto aos outros casos onde claramente não existe *loco* (por exemplo em *Maniocus*, etc.), hesitam entre um elemento gótico e o sufixo pré-latino *-occus*⁽⁴²⁾. É mais natural tratar-se dum elemento gótico, em atenção á forma “*mal-o-qu-in-ici*”, dado que não se conhecem mais casos do sufixo *-inus* adicionado a derivados antroponímicos em *-occo*.

Nomes pessoais bitemáticos como é o caso de *Mal-oqu-in-(ici)* podem, embora raramente, ser adicionados do sufixo *-inu*, donde “*mal-oqu-in-(-ici)*” como se vê dos nomes pessoais medievos *Go-and-inus*, *Ousendine = Ado-sind-ine*, *Gos-and-ina*, *Erme-send-ina*, *Teo-sind-ino*, *Gurd-est-inus*, etc.⁽⁴³⁾. Cremos ser também esta a estrutura do patronímico “*mal-oqu-in(ici)* e **mal-oqu-ino* com o qual se relacionam os topónimos *Mouquim* e *Mouquinho*.

Finalmente fica por aclarar o problema das formas simples (nome pessoal **Maloco* e correspondente topónimo **Mouco*) perante a abundância das formas derivadas do topónimo *Mouquim* (incluindo *Mouquinho*).

Recentemente também A. de Almeida Fernandes, que cita ainda os nomes pessoais *Miroco*, *Sindoco*, *Ranoco*⁽⁴⁴⁾, descrê da suposta equação *Mailoc / Mouquim*⁽⁴⁵⁾.

Notas

(1 a) Este estudo, publicado outrora no jornal *Águia* de Santa Maria da Feira n.º 4 (5-4-1985 p. 3) e n.º 5 (3-5-1985 p. 3) com várias erratas e omissões e novamente publicado no *boletim municipal*, n.º 1, Julho de 1988, pp.21-24, de Santa Maria da Feira com *multíssimas* erratas, sai agora com melhores condições, além de mais enriquecido e actualizado.

(1 b) Arlindo de Sousa, *Antiguidades do Concelho da Feira - Langóbriga*, Coimbra 1942 p. 39 (separata do vol. 8 da revista *Arquivo do Distrito de Aveiro*) ou p. 212 da mesma revista, vol. 8 fascículo 31 (1942).

Observações Toponímicas

- (1 c) *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* 4.^a ed. Paris 1959 p. 306 sub voce.
- (2) *Portugaliae Monumenta Histórica, Diplomata et Chartae* n.º 87 p. 55.
- (3) *Portugaliae Monumenta Histórica, Inquisitiones* de 1258 p. 917.
- (4) *Citadas Inquisitiones* p. 343.
- (5) A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português* Lisboa 1912; Joseph M. Piel, *Os nomes germânicos na toponímia portuguesa*, Lisboa 1937 e 1945 p. 41
- (6) Dr. J. Leite Vasconcellos, *Estudos de Filologia Portuguesa* Rio de Janeiro 1961 p. 166 e 217 e *Lições de Filologia Portuguesa* Rio de Janeiro, 1966 p. 266 (na 2.^a edição de 1926 é p. 291); Joseph M. Piel, citados *Os nomes germânicos...* p. 31.
- (7) J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania* vol. II Lisboa 1905 p. 329.
- (8) Citado *Onomástico Medieval Português*.
- (9) *Citadas Inquisitiones* p. 638.
- (10) *Citadas Lições de Filologia Portuguesa* p. 56.
- (11) Citado *Onomástico Medieval Português*.
- (12) *Citadas Inquisitiones* p. 335 e 355, 362.
- (13 a) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto vol. 32 (1969) p. 486.
- (13 b) *Actas del II Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, Santiago de Compostela, 1984 p. 392.
- (13 c) Pedro Cunha Serra, *Contribuição Topo-Antroponímica para o Estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular* Lisboa 1967 p. 68-69.
- (13 d) Ana Labarta, *La Onomástica de los Moriscos Valencianos*, Madrid 1987, p. 84.
- (14) Academia Portuguesa de História, *Documentos Medievais Portugueses* vol. III n.º 37 p. 32.
- (15) Citado *Onomástico Medieval Português*. A indicação de João Correia de Sá, *Nótulas Históricas sobre a Feira recolhidas na sua toponímia Aveiro* 1970, p. 19 de que em **Casaldoído** está o nome pessoal "Olidi ou Dolidi" não é bem exacta, pois só existe o nome pessoal Olidi.
- (16) Citados *Diplómata et Chartae*, n.º 618 p. 370; cfr. também Dr. Aguiar Cardoso, *Terra de Santa Maria - Civitas Sanctae Mariae* Coimbra 1929 p. 75.
- (17) Citados *Diplómata et Chartae*, n.º 281 p. 172, n.º 411 p. 254, n.º 419 p. 257, n.º 741 p. 442, n.º 909 p. 540.
- (18) Pilar Loscertales de G. de Valdeavellano, *Tumbos del Monastério de Sobrado de los Monjes*, vol. I, Madrid, 1976 p. 69.
- (19 a) *Homenaje a Fritz Krüger*, vol. II Mendoza (Argentina), 1954 p. 266.
- (19 b) Joseph M. Piel - Dieter Kremer, *Hispano-Gotisches Namenbuch*, Heidelberg 1976 p. 96 e 98.
- (20) David Lopes, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas* Lisboa 1968 p. 172 ou *Revista Lusitana* vol. 24 (1921-1922) p. 268.
- (21) José G. Herculano de Carvalho in *Revista Portuguesa de História* vol. 8 Coimbra, 1959 pp. 277-289; citados *Os nomes germânicos* p. 193; Joseph M. Piel in *Revista Portuguesa de Filologia* vol. V, Coimbra 1952, p. 237.
- (22) *Citadas Inquisitiones* p. 858 e 865.
- (23) *Revista Lusitana*, vol. 24, (1921-1922) p. 198.
- (24 a) *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, fasc. 43 - 45, tomo 13, Valladolid 1946 - 1947 pp. 37 - 56.

Observações Toponímicas

- (24 b) Citada (na nota 13 d) *La Onomástica...* p. 90, 114 e 239; Leone Caetani e Giuseppe Gabrieli, *Onomáston Arabicum*, vol. I, Roma 1915, p. 82.
- (24 c) Arnald Steiger *Contribución a la Fonética del Hispano-Árabe y de los Arabismos en el Ibero-Románico y el Siciliano*, nova edição, Madrid 1991, pp. 293-294; José Pedro Machado, *Influência Árabe no Vocabulário Português*, vol. II, Lisboa 1961, pp. 208-209.
- (24 d) *Contribución a la Toponimia Árabe de España*, 2.^a ed., Madrid 1944, p. 130.
- (24 e) Ana Maria Martins, *Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa*, Lisboa 2001, p. 136.
- (24 f) Salahuddin Ahmed, *A Dictionary of Muslim Names*, Londres 1999, p. 219.
- (24 g) *El Reino de León en la Alta Edad Media*, VI, León 1994, pp. 539-540.
- (25) Citados *Diplómata et Chartae* n.º 244 p. 151.
- (26) Citado *Boletim Cultural* vol. 32 (1969) p 555 - 559 - 568.
- (27 a) António Borges Coelho, *Portugal na Espanha Árabe* vol. II Lisboa 1972 p. 42.
- (27 b) Federico Corriente, *Árabe Andalusi y Lenguas Romances*, Madrid 1992, p. 54.
- (27 c) A. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*, Paris 1950, p. 38.
- (27 d) David Lopes, *Nomes Árabes de Terras Portuguesas*, Lisboa 1968, p. 116.
- (27 e) Citado (na nota 24 b) *Onomáston Arabicum*, vol. II, Roma 1915, p. 598.
- (27 f) Pedro Cunha Serra, *Contribuição Topo-Antroponímica para o estudo do Povoamento do Noroeste Peninsular*, Lisboa 1967, p. 124.
- (27 g) *Revista Lusitana* 33 (1935) p. 234.
- (27 h) Citada (na nota 24 c) *Contribución...* p. 283.
- (27 i) Eoro K. Neuvonen, *Los Arabismos del Español en el siglo XIII*, Helsinki 1941, p. 292.
- (27 j) Vários autores, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Rio de Janeiro / Lisboa / Porto, p. 621, 647, 681.
- (27 l) Citada (na nota 27 f) *Contribuição...* p. 125.
- (27 m) Citada (na nota 13 d) *La Onomástica...* p. 165, 171.
- (27 n) *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana Espasa-Calpe*, vol. 3 p. 728 e 727 sub *vocibus*.
- (27 o) Citada (na nota 27 n) *Enciclopedia...* vol. 25 p. 408 sub *voce*.
- (27 p) Citado (na nota 27 e) *Onomáston Arabicum* vol. I p. 154.
- (27 q) Citada (na nota 13 d) *La Onomástica...* p. 65.
- (27 r) Iiro Kajanto, *The Latin Cognómina*, Helsinki 1965, p. 266.
- (27 s) *Onomáston Cataloniae*, vol. IV, Barcelona 1995, p. 293.
- (27 t) Citada (na nota 13 c) *Contribuição...* p. 9.
- (28) *Lusitania Sacra* vol. 7 (1964 - 1966) p. 117; Pe. M. Fernandes dos Santos, *A Minha Terra - Breves Apontamentos sobre Romariz* Porto 1940 p. 46.
- (29) Citado *Boletim Cultural* vol. 32 (1969) pp. 536 - 537.
- (30) Citado *Boletim Cultural* vol. 24 (1961) p. 104.
- (31 a) Citados *Diplómata et Chartae* n.º 90 p. 57.
- (31 b) Ernst Förstemann, *Altdeutsches Namenbuch*, Bonn 1900, coluna 1087; Ernst Förstemann, *Altdeutsches Personennamen Ergänzungsband verfasst von Henning Kaufmann*, Munique 1968 p. 245; M. Schönfeld, *Wörterbuch der Altgermanischen Personen- und Völkernamen* Heidelberg 1911 p. 159; Marie-Thérèse Morlet, *Les Noms de Personnes sur le Territoire*

Observações Toponímicas

- de l'Ancienne Gaule du VI^e siècle au XII siècle* vol. I, Paris 1968 p. 167.
- (32 a) Citado *Boletim Cultural* vol. 32 (1969) p. 537.
- (32 b) cfr. citado (na nota 31 b) *Altdeutsches...* colunas 356, 354 e 991; H. Krahe, W. Meid, *Germanische Sprachwissenschaft* vol. III Berlim 1967 p. 216 - 217; Victor Henry, *Précis de Grammaire Comparée de l'Anglais et de L'Allemand* Paris 1893 p. 178 - 179.
- (32 c) Citado (na nota 31 b) *Altdeutsches...* coluna 991.
- (32 d) Citada obra de Marie - Thérèse Morlet (na nota 31 b) p. 8; Dieter Kremer, *Die Germanischen Personennamen in Katalonien* Barcelona 1969-1972 p. 309; citada (na nota 32 b) *Germanische...* vol. III p. 111; citado (na nota 32 b) *Précis...* p. 178 - 179.
- (32 e) Citada obra de Marie-Thérèse Morlet (na nota 31 b) p. 8.
- (32 f) Citado (na nota 31 b) *Altdeutsches...* coluna 991.
- (32 g) Paul Lebel, *Les Noms de Personne en France*, Paris 1967, p. 43.
- (32 h) Fernand Cabrol, Henri Leclercq, *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie* sub voce *Lieu* (Noms Propres) coluna 727.
- (32 i) A. A. Cortesão, *Onomástico Medieval Português* Lisboa 1912.
- (32 j) *Romanische Namenstudien* vol. I, Wien 1904, p. 72.
- (32 l) Citado (na nota 32 d) Dieter Kremer, *Die Germanische...* p. 184.
- (32 m) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto vol. 32 (1969) p. 537.
- (33) *Zeitschrift für deutsche Philologie* 37 (1905) pp. 543 - 544.
- (34) Joseph M. Piel publicou o seu estudo sobre *Mouquim* na *Revista de Guimarães* vol. 85 (1976).
- (35) *Revista Habis* vol. 3, Sevilha 1972, pp. 155 - 158.
- (36) cfr. a lista no citado (na nota 31 b) *Altdeutsches...* coluna 356.
- (37) Citado (na nota 31 b) *Altdeutsches...* coluna 1174; citado (na nota 31 b) Ernst Förstemann, *Altdeutsches Personennamen Ergänzungsband...* p. 272.
- (38) *Arquivo do Distrito de Aveiro* n.º 133, vol. 34 (1968) p. 60.
- (39) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto vol. 24, fascículo 1-2 (1961) p. 153 e vol. 32, fascículo 3-4 (1969) p. 28.
- (40) Citado (na nota 19 b) *Hispano-Gotisches...* p. 309, 166.
- (41) Citado (na nota 19 b) *Hispano-Gotisches...* p. 310, 64, 88.
- (42) Citado (na nota 19 b) *Hispano-Gotisches...* p. 309.
- (43) *Boletim Cultural* da Câmara Municipal do Porto vol. 24, fascículo 1-2 (1961) p. 129.
- (44) *Caminiana* n.º 8, Caminha 1983, pág. 154, nota 182.
- (45) *Caminiana* n.º 13, Caminha 1986, pág. 104, nota 561.

Profundidade

por Maria de Jesus

A poesia é dor
É parto
É necessidade de fusão
E apenas acontece quando o sofrimento ou a alegria são insuportáveis
Não cabem dentro de um corpo
De uma ideia
Ou de um pranto
De uma palavra
Ou de uma gargalhada

Então emerge como um rio ou um mar
E contamina tudo e todos

Porque os excessos são reais
E a dor e alegria de sempre

*

A razão comanda
E tudo é lógico
A vontade impõe-se
E tudo é certo
Mas a tristeza mina de mansinho
Qual carcinoma
Lançando metástases
Que destroem a razão e a vontade
E a morte aparece

*

Profundidade

Ai esta dor que roí minhas entranhas
A cortam qual lâmina acabada de polir
E me lança num abismo sem fim

Ai esta dor que lava, ceifa e colhe
E me presenteia o meu eu perdido
O meu sonho abandonado
Nos confins de uma profundidade nunca alcançada

E no meio do túnel resurge uma luz
E por ela tudo vale a pena !

*

Faltou-me a lucidez de um sábio
E a grandeza de um místico
Para ver para além dos factos
E sentir para além de mim

Mas o que é
É o que tem de ser
E a solidão uma conquista

*

Os filhos são seres
Nem de mim nem para mim
E nada me prendem
E nada lhes devo
Apenas a minha singularidade

*

Profundidade

Sempre este excesso
Entre a felicidade e o sofrimento
Quais margens de um caminho
Tortuoso e solitário
Para o encontro da vida em mim.

*

Caminhando
caminho
Sofrendo
Sofro
Lutando
Luto
E entre o gerúndio
E a 1ª. pessoa do singular
Há uma intrínseca continuidade
Que liga o ser e a acção.

*

Como um golpe de magia
Pudesse tudo ser outra vez
como antes da inocência perdida
Da pureza no olhar e da confiança vivida

A manhã tinha outra cor
E o luar outro brilho

Mas tudo era só mesmo um golpe de magia
Porque a cor da manhã era pálida e só eu não o percebia
Porque o brilho do luar era baço e só eu não o podia ver

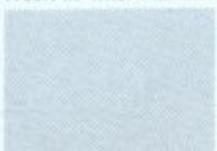
Profundidade

Por isso nada é o que é
E tudo é só o que parece
A cada instante
A cada solução do encontro
E a cada despedida

*

Este jorro que me salta das entranhas
Para as libertar do jugo das palavras e dos acontecimentos
Dos remorsos e da dor que é minha
Liberta o ser que em mim apenas anseia por sentir

É um caudal contaminante do qual urge fugir
Porque fere onde toca e escraviza o que encontra
É preciso deixá-lo ir
Não o conter
Deixando livre o caminho para que encontre as profundidades
Da terra ou do mar



Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum

por Orlando Silva

Com o presente apontamento sobre três sonetos e outros tantos vultos da nossa literatura, o primeiro e o último mais do conhecimento geral - quer os sonetos quer quem os parturejou -, iniciamos a nossa colaboração na novel VILLA DA FEIRA, com votos de que dezenas de números se sucedam ao agora imberbe número um.

Sabido é que revistas literárias ou culturais não raro - ressalvada que seja uma ou outra excepção - têm vida efémera, a que não será por certo alheia a falta de recursos financeiros, a, por vezes, precária colaboração e o "marketing" que infelizmente tem de estar por detrás de tudo o que tem de ser consumido.

Que a força de qualquer destes obstáculos não vença a determinação, a alegria, que os seus mentores em hora lúcida e prenhes de entusiasmo entenderam dar ao Concelho e às Terras de Sta. Maria uma nova revista cultural que por certo muito os valorizará e orgulhará as gerações futuras, se ela, como esperamos, não tiver a perenidade precária das folhas do outono.

Creemos bem que não, já que o travejamento que a vai erguer e sustentar é da mais pura riga.

Os colaboradores, esses, actuais e futuros, cremos que não irão deixar os seus créditos por mãos alheias, que é o mesmo que dizer que não vão confundir o autor da "Utopia" com o autor de "A Montanha Mágica", ou vice-versa, que dirão sempre que "Os Lusíadas" têm dez cantos, que Sá de Miranda é o autor da "24.^a Quintilha da Carta 1.^a" e que fôi António Ferreira quem escreveu a tragédia "Castro", que Leonardo da Vinci pintou a "Gioconda" e Galileu Galilei foi quem, em surdina, pronunciou a célebre frase "Eppure si mouve", que quando Manuel Laranjeira se suicidou com um tiro na cabeça, a sua mãe num desespero inenarrável chegou-se à janela do quarto a gritar que o seu Laranjeira estava morto, pelo que a anciã senhora lhe sobreviria ainda cerca de três anos.

Ideias são ideias e formam-se na mente. Factos são factos e estão prantados nos livros. Se aquelas são discutíveis estes são indiscutíveis. Quando se erra por ignorância ou traiçoamento da memória, está-se - involuntariamente embora - a induzir em erro todos os que por isto ou aquilo não têm conhecimento perfeito do assunto tratado.

Observados estes pressupostos, tem a "VILLA DA FEIRA" pernas para andar, que é como quem diz, e, numa só palavra, credibilidade.

Feito o vaticínio, ocupemo-nos do objecto da epígrafe do nosso escrito.

Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum



Des. de Cristiano de Carvalho.

In "Revista Musical", 15.9.1902.

Antero, guru da geração setentista, foi e é ainda um dos maiores poetas e pensadores da literatura portuguesa, o que não é novidade nenhuma para quem anda metido - por dever ou paixão - nestas coisas das letras.

Os seus "Sonetos Completos" prefaciados por Oliveira Martins, são uma obra prima das letras pátrias.

Agrupou-os o prefaciador por séries, referentes a outros tantos períodos existenciais do "Santo Antero" para "Eça de Queros", e "O nosso Messias" para Laranjeira, correspondendo o soneto que se reproduz à série que as datas 1862 - 1866 balizam.

Escreve o autor de "Os Filhos de D. João I", que nesta época Antero "viveu mais à lei da natureza; talvez por isso mesmo a sentiu e pintou melhor nas suas cores, nas suas imagens".

O soneto, que é a verificação da impotência do ser humano em alcançar tudo quanto sonha, idealiza, anseia, diz-nos que a vida, na sua crueza estúpida, será sempre à partida um combate perdido.

Por mais que procure, que sonhe, que anseie, o homem, porque é humano, demasiado humano, nunca realizará quanto sonhou, quanto idealizou, quanto ansiou.

Todos os palácios, se entrevistados, encontram-se vazios, silenciosos, negros da escuridão da noite, espectrais como a esfinge da própria morte.

Sentir faz doer e põe crepes pretos na alma. Quando se sente e se sonha desmesuradamente como Antero o fez, a vida, para os que a não a aguentam, só pode liquidar com a liquidação dela como ele próprio o fez, só, despojado de todos os sonhos, de todas as dúvidas e interrogações, num banco de jardim tendo por fundo um muro onde se lia, entrelaçada numa âncora, a palavra Esperança. Ironias e destinos que se misturam com a vida do homem.

O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sois, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quabrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito, o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro com fragor...
Mas dentro encontro só cheio de dor,
Silêncio e escuridão - e nada mais!

Entre a geração do açoriano, a setentista, e a do homem do Largo de S. Carlos, a modernista, várias gerações, escolas e tendências surgiram na literatura portuguesa.

Sem violência, poder-se-á situar Manuel Laranjeira em uma destas escolas, a Naturalista, já que duas das suas peças teatrais, "Amanhã" e "Às Feras" são marcos vigorosos, indelévels, do nosso naturalismo.

Porém não terá sido por estes textos que Laranjeira se tornaria mais conhecido e uma personalidade a estudar, como na realidade vem acontecendo há uns anos a esta parte.

O sentimento decadentista que agarrou alguma da "intelligenza" lusa nos finais do século XIX, aliado a um pessimismo que de muito cedo tomara conta de si e se reflectiu em quase tudo quanto escreveu - mormente em cartas aos amigos e "Diário Íntimo" -, as enfermidades físicas que o apoquentaram até ao dia fatídico, levá-lo-iam ao mesmo gesto libertador de todas as dúvidas e angústias que o seu "Messias" anos antes tivera.

Como este, que só encontrou "dor, silêncio e escuridão" ao fim de tanta demanda, igualmente Laranjeira viu tudo quanto sonhou e idealizou "desfeito em ruínas e poeira dispersas pelo chão".



Des. de Cristiano de Carvalho.

In "Gazeta de Espinho", 24.3.1912.

Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum

A Sos - I

Quantos castelos vãos meu coração
Fundou no vento incerto (que cegueira!),
Desfeitos em ruínas e poeira,
Ei-los todos dispersos pelo chão!...

Torres soberbas, torres de ilusão,
Fundadas sobre a vida traiçoeira,
Ardeu-me tudo, tudo; e da fogueira
Restam-me as cinzas d'esse mundo vão.

Óh ruínas de quanto já ergui
Com alma enfebreçada e desvairada!
Cinzas mortas das torres que eu perdi!

Dormi, óh coisas vãs, o eterno sono,
- Como dorme uma lâmpada apagada
No meio d'uma nave... ao abandono.

Fernando Pessoa, sem o fim trágico dos primeiros - a sua morte viria ao ritmo lento dos cafés, dos flagrantos de litros, dos maços de tabaco -, quinze anos antes de ter exalado o último suspiro num dos quartos do hospital de S. Luiz dos Franceses, cansado e farto de tanto sonhar e especular, desalentado, escreveria "Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços...".

Para ele, a noite eterna, a noite da qual se não regressa, chegaria pé ante pé, de mansinho, leve e silenciosa como a neve a cair nas vidraças da janela, porque assim o exigia o seu carácter, tímido e tão atreito a fobias como a que exhibia quando relampejava e trovejava.

Todos eles, orfãos do Deus que o homem criou, sentiram na carne e

Três Poetas, três Sonetos, três Gerações, um denominador comum

na alma que só a morte redentora traria paz e definitivo sossego ao desassossego dos seus espíritos.

Fingimento poético dos três? Entendemos que não. Antes foram momentos cruciais das suas vidas vazados em poemas que os testemunham.

Palácios, castelos, tronos, todos vazios dos acessórios fúteis que revestem todas as vidas.

Abdicação

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho. Eu sou um rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei;
E meu ceptro e coroa, - eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas, de um tinir tão fútil,
deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regresssei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.



Desenho de Alberto Cutileiro.

In "Fernando Pessoa, uma Fotobiografia" - Imprensa Nacional, 30.11.1986.

A Poesia de Ilda Maria



“Morre jovem o que os Deuses amam, é um preceito da Sabedoria antiga”, escreveu Fernando Pessoa de Sá Carneiro.

Ilda Maria morreu aos trinta e três anos, deixou um filho que estremecia e uma mão cheia de poemas.

Versos em que perpassa como brisa, o calor, a saudade, o amor à vida, ao azul do mar e do céu, o amor à Terra que pressentia fugir-lhe, mas sempre a expressão do amor como uma constante dos seus versos.

Nasceu em 3 de Fevereiro de 1948 em Santa Maria da Feira.

Mãe do Gabriel José, que nasceu em 19 de Maio de 1977.

Morreu aos 20 de Julho de 1981.

São três datas essenciais para a melhor compreensão dos seus versos.

Seus pais Manuel Rodrigues dos Santos e D.^a Palmira Jorita de Magalhães, já falecida.

No pai a nostalgia que o olhar expressa, a saudade que nada mitiga, como o falar da filha nos mostra.

São poemas da Ilda Maria que vamos apresentar, como homenagem à sua criadora, para que cada um tire deles o melhor proveito.

“Loucamente”

Vou aspirar de mansinho o seu perfume,
Inebriar-me! Vou deixar-me alongar
Por sobre essa quimera, a vista e o olfato,
Vou mergulhar o tacto nessas cinzas,
Recordar-me! Vou saciar os meus sentidos

A Poesia
de Ilda Maria

E olhar, olhar até ao fim
E ouvir com os meus ouvidos,
Tentarei encontrar o além da sua poesia
Porque tem poesia! E vou tocar de leve esse mistério
Vou apalpar o mistério, vou rasgar
Mas delicadamente
E vou saborear sem gustação. Vou formar um Império
De sonhos e loucuras, vou tornar-me demente...
Assim já poderei pensar e exprimir o pensamento,
Já todos me acreditam e veneram - serei herói!
Vou recalcar prazeres, os mesmos que a poeira representa;
Vou desfazer vapores que num momento asfixiam;
Vou amar o infinito, as estrelas, os sóis perdidos;
Procurarei entrar nesse espaço com uma pressa lenta,
Porque sei tenho tempo, o tempo que os homens avaliam!
Tenho relógios à espera com os ponteiros partidos;
Vou vibrar de insatisfação, vou voltar e remexer,
Vou perder um pedaço de espaço que não posso apalpar;
Sentirei, na quimera, as rimas aos punhados,
Versos tresloucados duma louca que busca o insondável!
Vou avançar espaços e recalcar os tempos,
Sentir o agradável dos momentos de reflexão...
Reflectirei então, mas loucamente!
Vou tactear docemente os punhados de rimas,
Vou deitar fora as rimas, loucamente,
Sentir-me-ei contente por ver que todos acreditam
E aplaudem, regateiam loucura e gritam demência!
Vou sentir-me feliz sem consciência,
Vou gostar da demência, loucamente...
Vou guardar a quimera... Loucamente!

5-4-69

A Poesia de
Ilda Maria

“Sózinha, terrivelmente só”

Descobri-me na ogiva dourada
Da minha ilusão fulgente
E nos cristais de sonho reluzente
Vi pender, tremulamente e ignorada
Minha figura opaca e silenciosa
Sózinha, terrivelmente só!
Como se fora o meio do Universo
Na escuridão do espaço
Senti minha figura só no infinito!
E o meu olhar imerso no cansaço
Olhava e via turvo o teu olhar bonito.
Sózinha, terrivelmente só!
Olhei em meu redor, mas não vi
Nem uma só estrela cintilante
Nas trevas que sentia, nem senti
Na opaca vibração dos meus sentidos
Da minha solidão desesperante
Um grito que alertasse os meus ouvidos.
Sózinha, terrivelmente só!
Procurei na imensidão, luar,
Algum sopro de vida perdida.
Incansável sondei o meu olhar
Mas vi meu gesto extinto
E só, terrivelmente só, ferida
Na minha alma opaca
Segui na ogiva dourada
Em pingentes de assombro.
Senti meu coração, senti!
Senti a minha alma apavorada

A Poesia
de Ilda Maria

Nos escombros de mim
E no espaço doirado da minha ilusão
Segui meu coração, que já não tinha!
Sózinha, terrivelmente só!

21-4-70

“Um Tema”

Um tema é um pedaço de azul sereno e puro
Qual manto de alegrias sobre horizonte escuro!
É tema um nada, uma expressão tão grande
Que ante a poesia todo o meu ser se extingue
Pr'a ser parte dum tema confundido
Na amplidão do céu enternecido.
É tema pr'a meus versos o casario escuro,
Inofensivo, inerte, talvez envergonhado
No sopé das montanhas abrigado!
Uma paisagem é um tema singular
Que de inocente e simples
Não vou saber cantar!
É tema a transcendência duma pureza rude,
Dum martelar cadenciado e quente,
Dum ranger de madeira
De tudo o que não pude
Cantar por singeleza, é tema!
Uma canção de Outono da folhagem bravia
Tudo o que não sabia por não ter, é tema!
Um tema que procuro pr'a escrever.

18-8-70

Uma paródia ao “Cântico Negro” de José Régio

por J. M. de Matos Vila



*“Não, não vou por aí! Só vou por onde
Haja tascas no caminho...”*

O senhor Dr. José Maria da Silva Mota, que foi Conservador do Registo Civil em Santa Maria da Feira, acedeu a que o seu “Cântico Tinto” fosse publicado na íntegra nesta Revista, como Homenagem a José Régio neste 1.º Centenário do Nascimento.

Da primeira edição, a favor dos Bombeiros Voluntários de Santa Maria da Feira, de Fevereiro de 1998, transcrevemos:

Ama, bebe e cala, disse outro grande Poeta.

Feliz leitor:

É privilégio ter a oportunidade de ler este poema.

Nós que o ouvimos tantas vezes, dito pelo seu autor, quente de entusiasmo, que amávamos o texto, que bebíamos as palavras, que calávamos o prazer, só agora tivemos a honra de o ver escrito.

E, assim, de admirar mais o seu autor e o felicitar, pelo seu gesto magnânimo que justificou esta primeira edição autónoma.

Esta paródia, imitação chistosa de uma obra literária séria, o “Cântico Negro”, é um trabalho excepcional — dos mais bem conseguidos da nossa literatura. Paródia é sempre homenagem.

É a primeira e única ao belo poema de José Régio.

Gente de cultura que teve oportunidade de o ouvir experimentou sublimado gozo.

Que o mesmo aconteça contigo.

Ceomar e J. Carneiro

NOTA BIBLIOGRÁFICA: *Esta paródia do celeberrimo CÂNTICO NEGRO foi publicada a primeira vez em Coimbra no jornal de boémios «O PONNEY». Por essa altura, um excerto, longo, foi incluído no Livro dos Quartanistas de Direito.*

Existe, inédita, uma tradução italiana.

O Cântico Tinto tem sido mais ouvido que lido. O seu autor, J. M. de Matos Vila, exerceu funções em Terras de Santa Maria, sob o pseudónimo anagramático de J. M. da Silva Mota.

Esta edição fica a dever-se ao empenho do bibliófilo Dr. Celestino Portela e de Mestre Joaquim Carneiro.

Uma parodia ao “Cântico Negro”

E da crónica de Saraiva Mendes, no Correio da Manhã de 07-01-2001, o seguinte:

Passaram cinquenta anos desde que um grupo de rapazes começou a conviver em Maфра num Curso de Oficiais Milicianos (COM).

No seu pelotão, alguns viriam a destacar-se nas profissões como David Mourão-Ferreira e o irmão, Jaime, o Vicente “Bodinho”, o Aires Kopke, o Afonso Malheiro, o Álvaro Poppe Lopes Cardoso, o Orlando Bordalo, o Silva Mota.

Alguns a morte já levou. É com saudade que recordo o tenente Fernando Caldeira, nosso comandante de pelotão, um amigo, um companheiro, tão bom que no quartel lhe chamavam o “Pai dos Soldados” e sem esquecer, também, o capitão Renato Xavier.

Vem todo este arrazoado a propósito do Silva Mota. A negação do militarismo. Nunca ia com o passo certo: ia pelo seu passo! Um poeta.

Em noite de acampamento na Tapada de Maфра, na qual alguns mostraram as suas habilidades, O Silva Mota recitou um poema de sua autoria, parodiando, com graça e a seguir verso a verso, o famoso poema “Cântico Negro”, de José Régio - o “Cântico Tinto”.

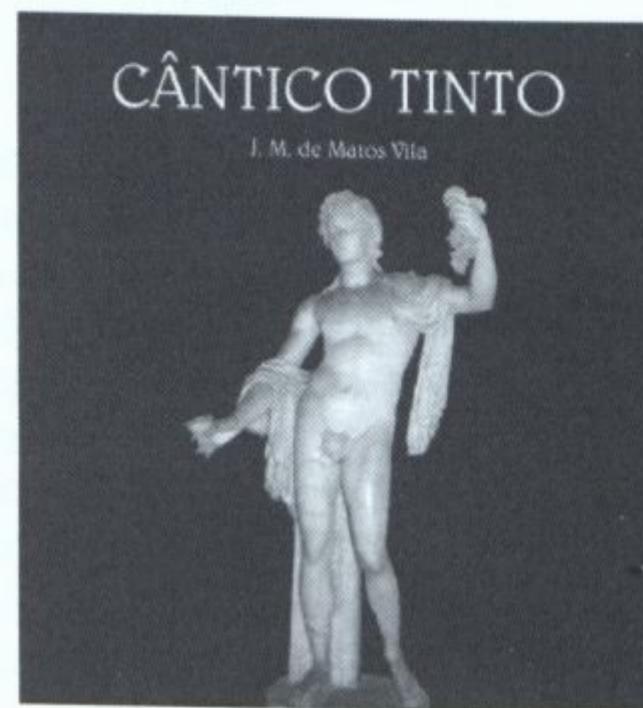
Aluno da Faculdade de Direito de Coimbra, onde se formou, boémio (então) dos sete costados.

Publicado pela primeira vez, em Coimbra, no Jornal “O Ponney” e um excerto no livro dos Quartanistas de Direito, o “Cântico Tinto” está também traduzido em italiano.

Tive o privilégio de ser o único camarada do C.O.M., a quem Silva Mota ditou o seu poema-paródia.

Amigo do grande actor e declamador João Villaret, a quem se deve a divulgação de Régio junto do Grande público- “Cântico Negro” incluído - recitei-lhe o “Cântico Tinto”. Villaret ficou encantado e passou a incluí-lo no seu reportório nas reuniões de amigos.

David Mourão-Ferreira, que fora colocado no Quartel de Portalegre e calculando que iria conhecer José Régio, pediu-me a cópia do “Cântico Tinto”. Segundo me contaria mais tarde, Régio gostou e riu-se imenso do poema-paródia.



“... em cuidada e linda edição ilustrada página a página e cujo produto de venda reverte a favor dos Bombeiro Voluntário da Feira.”

Uma parodia ao “Cântico Negro”

Cântico Negro

«Vem por aqui» - dizem-me alguns
[com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «vem por aqui»!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...
Se ao que busco saber nenhum de vós me
[responde,
Por que me repetis: «vem por aqui»?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,
Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Cântico Tinto

«Não bebas vinho» — dizem-me alguns
[com olhos abstémios,
Retirando-me os copos, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: «não bebas vinho»!
Eu olho-os com olhos bêbados,
(Há, nos meus olhos, ironia e mágoa)
E enxugo mais um copo,
E nunca bebo água...

A minha glória é esta:
Sem a botija cheia,
Não acompanhar ninguém!
— Que eu bebo vinho com o mesmo à vontade
Com que um menino chupa o leite a sua mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Haja tascas no caminho...
Se quando a conta vem meu bolso é que
[responde,
Porque me repetis: «não bebas vinho»?
Prefiro ir esbarrar nos guardas sonolentos
Sentir que sou levado pelos ventos,
Redemoinhar em volta dos postes macilentos,
A não beber vinho...

Uma parodia ao “Cântico Negro”

Cântico Negro

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia
[inexplorada!
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me dareis impulsos, ferramentas,
[e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho
[dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tectos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos,
[e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a, como um facho, a arder
[na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos
[nos lábios...

Cântico Tinto

Se vim ao mundo, foi
Só para esvaziar canecas cheias,
E para lavar os pés tenho a água reservada...
O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós
Que me fareis discursos, rogos e promessas
Querendo entre mim e os copos pôr
[obstáculos?...
Corre, nas vossas veias, sangue velho e capilé
E vós amais o que não tem sabor!
Eu amo o Aveleda, o Colares, o Cartaxo,
Só no verde e no tinto ponho fé
Só ao branco e ao maduro tenho amor...

Ide! tendes laranjadas,
Tendes sumos, tendes cocas
Tendes Vidago, Pedras Salgadas
E outras águas “boas”, gabadas pelos sábios...
— Eu tenho a minha alegre bebedeira!
Levanto-a, como um facho, ou uma bandeira,
E sinto espuma, e vinho, e cânticos nos lábios...

Uma parodia ao “Cântico Negro”

Cântico Negro

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: «vem por aqui»!
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se alevantou.
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
- Sei que não vou por aí!

Cântico Tinto

*O Copo e a Garrafa é que me guiam, mais
[ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;
Mas eu, a quem beber jamais estafa
Nasci do amor que há entre o Copo e a Garrafa.*

*Ah, que ninguém me dê água de Luso em
[garrafões!
Ninguém me ofereça pingos ou galões,
Ninguém me diga: «não bebas vinho»!
A minha vida é uma rolha que saltou.
É uma garrafa que se esvaziou.
É um copinho a mais que me animou...
Não sei por onde vou
Não sei para onde vou,
O que não vou é sem vinho!*

Cartões Telefónicos - Colecção Feira "Homenagem ao pintor António Joaquim"

por Joaquim Carneiro

O aparecimento do cartão holográfico de leitura óptica de banda Termolaca no verso, mais conhecido como "Credifone", é lançado em 1981 pelos "CTT - Telecomunicações".

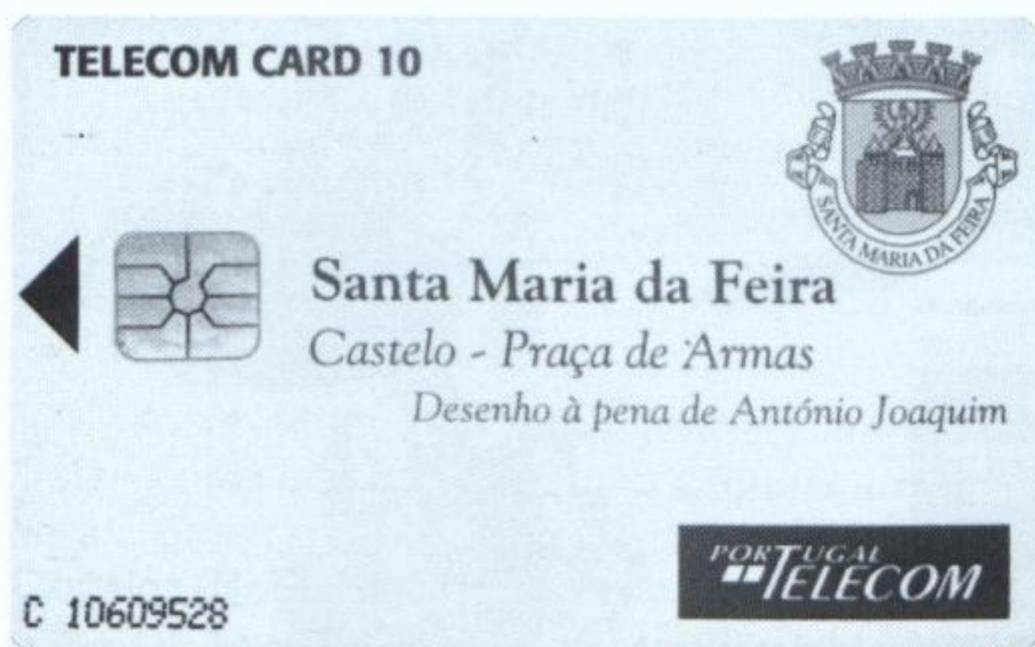
Este cartão é adquirido como forma de pré-pagamento para chamadas nacionais e internacionais, em cabines apropriadas para este fim.

O "Credifone", que representa um certo número de impulsos e quando esgotado será dado como inutilizado.

Assim como as notas, moedas, selos, cédulas e outras formas que representam dinheiro, são motivo para colecionismo, também os cartões telefónicos não são excepção a regra.

Só em 1991 é que surge o cartão de *chip* com a designação comercial de "TLPcard", do tipo "EPRON", de memória simples com 256 *bits* de capacidade, com um grande número de aplicações.

Existe um catálogo, já em 5.^a edição, para este tipo de colecionismo onde já figuram centenas de exemplares, devidamente catalogados e identificados, impressos nas suas



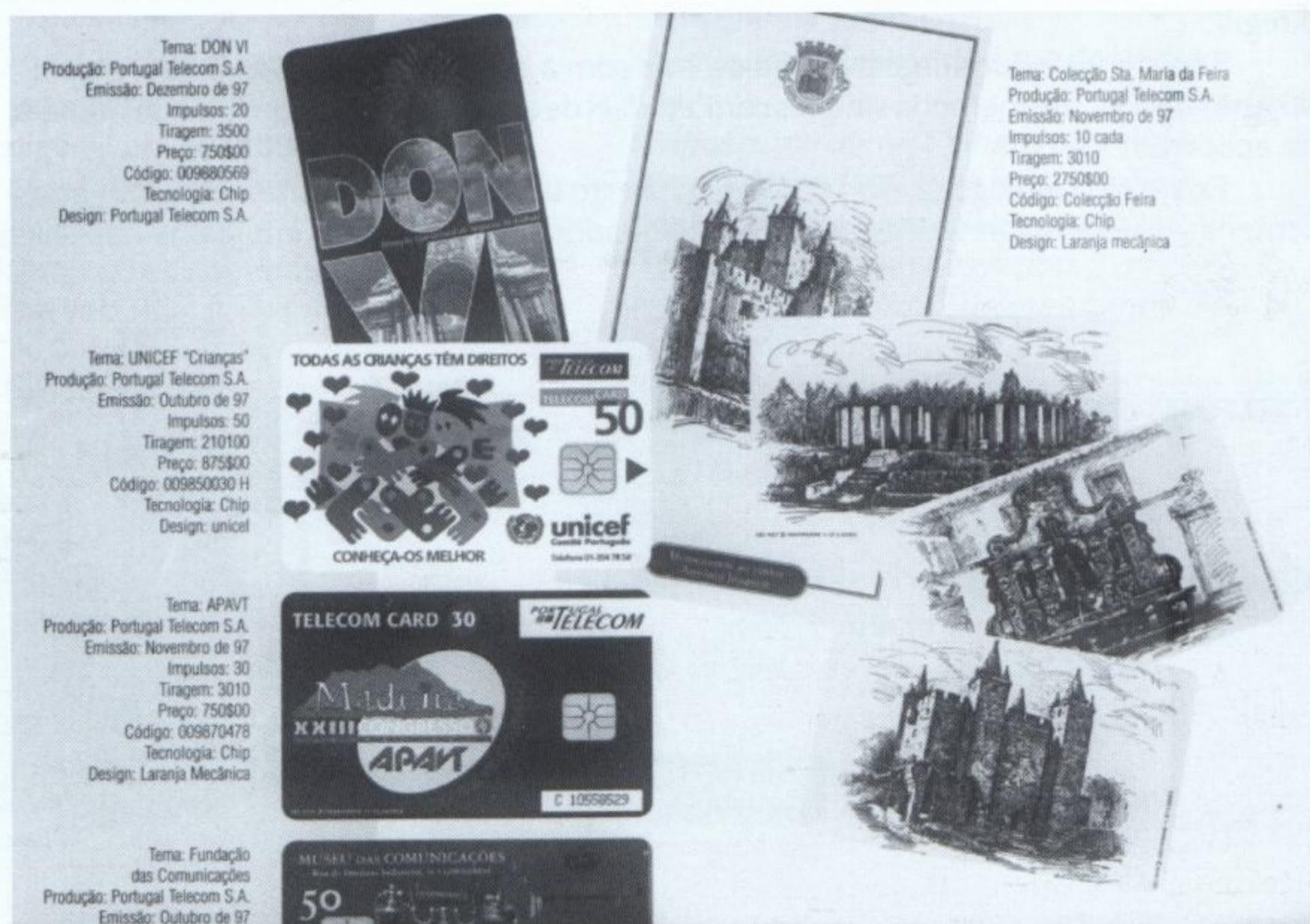
Cartões Telefónicos - *Colecção Feira*

cores naturais assim como anotadas as cotações dos cartões de novos e usados.

Também existe o Clube de Coleccionismo Telecom Card PT, como diz o nome, é liderado pela "Portugal Telecom", organismo que emite as pagelas anunciadoras, e que as envia aos seus associados aquando da saída de novos cartões.

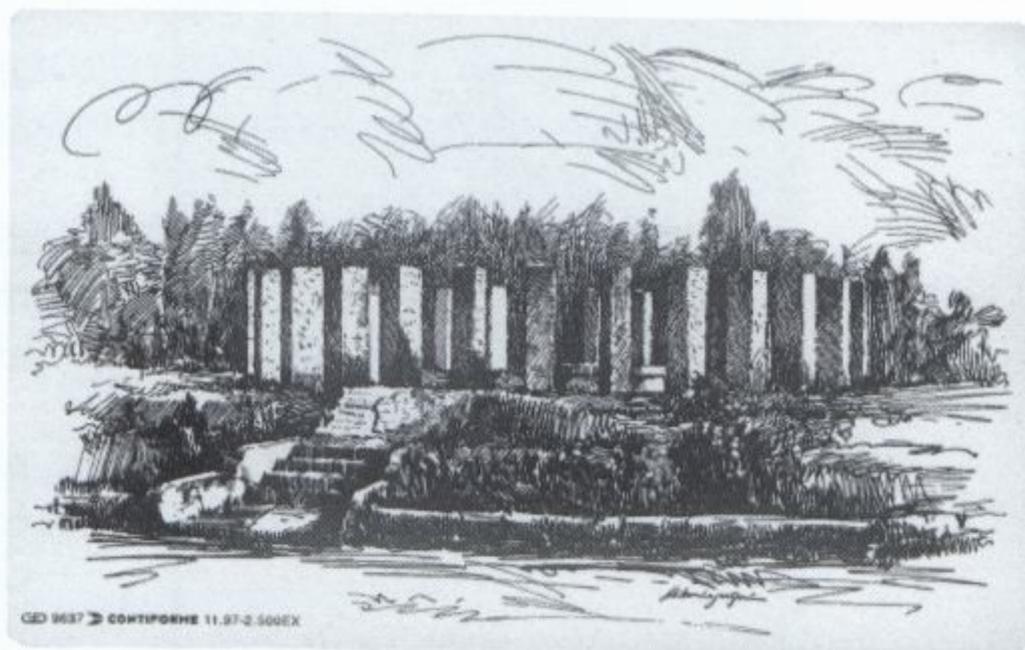
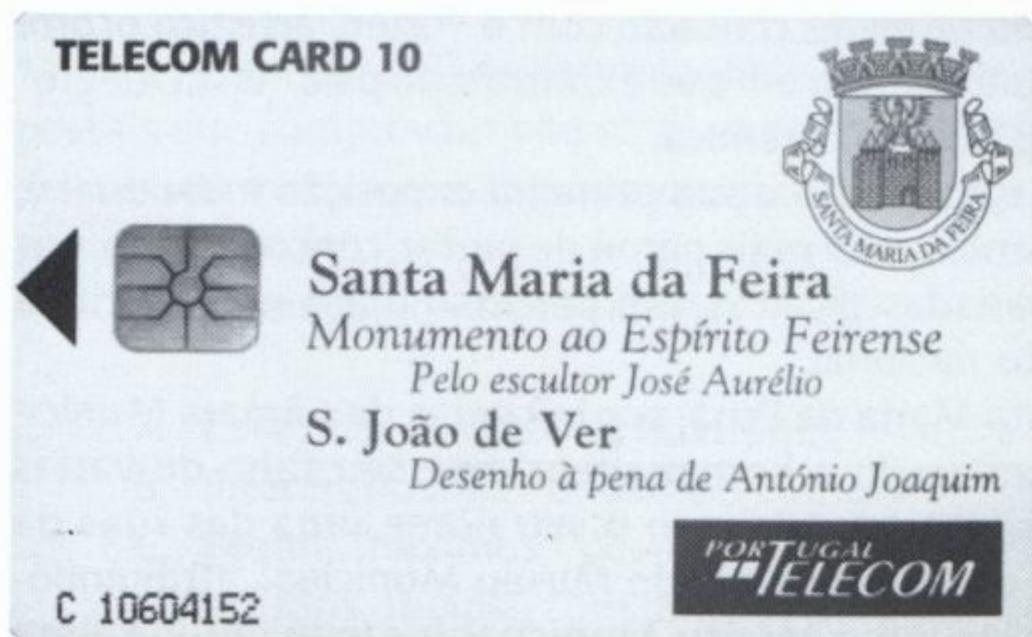
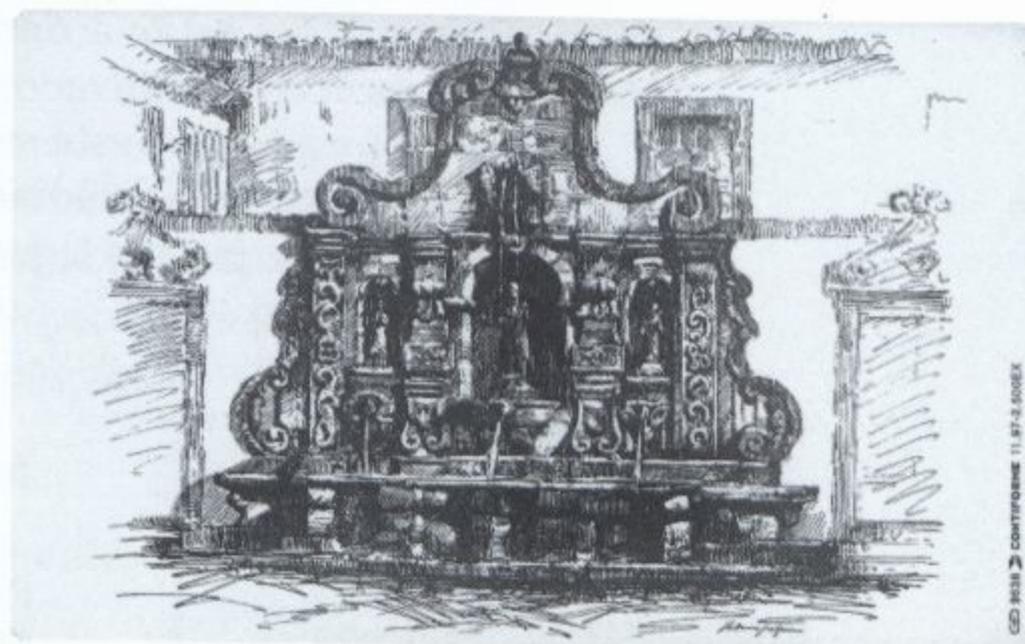
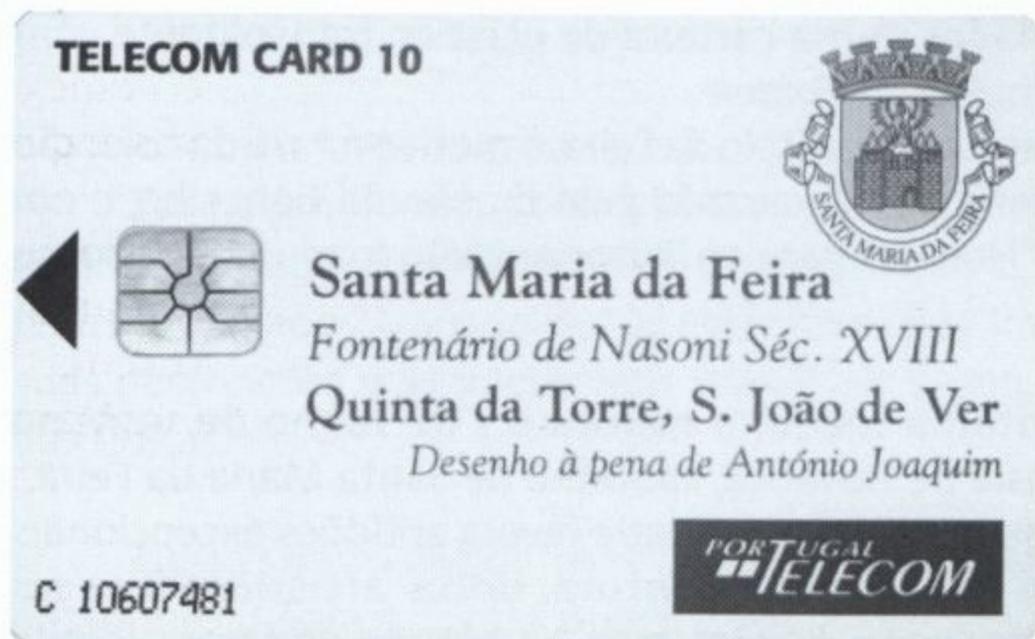
Em Novembro de 1997, em conversa tida em redor deste tema com o Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, José Manuel Leão, surgiu então a ideia de o concelho da Feira passar a estar também representado neste tema.

Nesse mesmo ano é celebrado o contrato entre a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e a "Telecom Portugal" para a feitura de 3 cartões telefónicos.



Pagela distribuida pelo Clube de Coleccionismo Telecom Card PT aos seus associados.

Cartões Telefónicos - Colecção Feira



Assim Monumentos do Concelho impressos em cartões telefónicos passaram a “rolar” como moeda e passaram a figurar em catálogos e pagelas, a serem vendidos em casas comerciais, feiras/trocas, a figurarem em exposições e nas colecções temáticas: Castelos, Monumentos, Pintura e Pintores.

Os três cartões cujos motivos são reproduzidos a partir da colecção de postais “série Arte”, edição da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, cujos motivos são: Castelo, Praça de Armas; Fontenário de Nasoni, séc. XVIII; Monumento ao Espírito Feirense, pelo Escultor José Aurelio, todos com desenho à pena de António Joaquim.

Cartões Telefónicos - *Colecção Feira*

Estes cartões estão acondicionados numa carteira de plástico transparente com três bolsas na vertical e afixados a um *Álbum/Folder*.

Na capa e ao centro está representado o Castelo da Feira, o motivo n.º 1/6 da colecção de postais editados pela Câmara Municipal, encimado pelo brasão do Concelho, e em baixo, em forma de placa, a legenda: "Homenagem ao Pintor António Joaquim". No verso da capa pode ler-se:



Capa do Álbum/Folder.

«António Joaquim nasceu a 1 de Junho de 1925, na freguesia de Travanca, concelho de Santa Maria da Feira.

Desde a mais tenra idade revela aptidões excepcionais para o desenho e a pintura, dotes artísticos que foi desenvolvendo ao longo da juventude de forma livre e autodidacta.

O seu primeiro contacto com o "fazer" artístico ocorre aos 18 anos, altura em que é contratado pela "Vista Alegre" como pintor de cerâmica.

Em 1952 realiza a sua primeira exposição individual e, desde então, não mais parou de pintar, concretizando, nas mais variadas técnicas, um percurso único no panorama artístico nacional.

Santa Maria da Feira, por iniciativa da Câmara Municipal, tem vindo a homenagear este seu filho de várias formas, designando com o seu nome uma das ruas da cidade e uma das salas do Museu Municipal, atribuindo-lhe a Medalha Mérito Municipal e erigendo-lhe uma estátua na sua terra natal.

A presente edição pretende constituir mais um singelo tributo ao homem e ao artista que tão bem tem sabido pintar este concelho e as suas gentes».

Características dos cartões: Tema - *Colecção Santa Maria da Feira*. Produção - *Portugal Telecom SA*. Emissão - *Novembro de 1997*. Impulsos - *10 cada*. Tiragem - *3010*. Código - *Colecção Feira*. Tecnologia - *Chip GD3*. **Motivos:** Castelo de Santa Maria da Feira - *PT159*; Fontenário de Nasoni séc. XVIII - *PT160*; Monumento ao Espírito Feirense, esc. José Aurélio - *PT161*; *Álbum/Folder* - *PT159/61*. *2500 exemplares*.

Postais do Concelho da Feira

A - Postais Ilustrados

por Ceomar Tranquilo

Para além do estudo dos postais a Cartofilia é, também, uma ciência auxiliar da História, na qual surpreendemos os costumes - o vestuário, o trabalho, os serviços, as feiras e mercados, transportes, os edifícios e suas transformações, as paisagens, o mar, as suas destruições e as apetecíveis praias, em suma, a evolução do Homem, das Terras e das Coisas.

Nesta secção vamos inventariar alguns postais referentes ao concelho da Feira, um passo inicial para a futura publicação da História do Postal no Concelho da Feira que, alguém, há-de fazer um dia.

Com este propósito assinalaremos as diferenças principais encontradas em alguns postais que comprovam não só as várias edições que tiveram mas também a utilização do mesmo motivo por diversas entidades.

Neste trabalho vamos referir

- A - Cartofilia - os postais ilustrados.
- B - Inteiros postais - os postais com porte impresso.
- C - Postais máximos - postais com motivos coincidentes no postal, selo e carimbo.
- C1 - Postais duplos - com dois motivos coincidentes - postal e selo.
- C2 - Postais triplos - com os três motivos coincidentes.
- D - Comerciais - publicidade de empresas.

As páginas da “Villa da Feira” estão abertas a todas as sugestões e colaboração para que este trabalho seja ponto de referência para estudiosos.

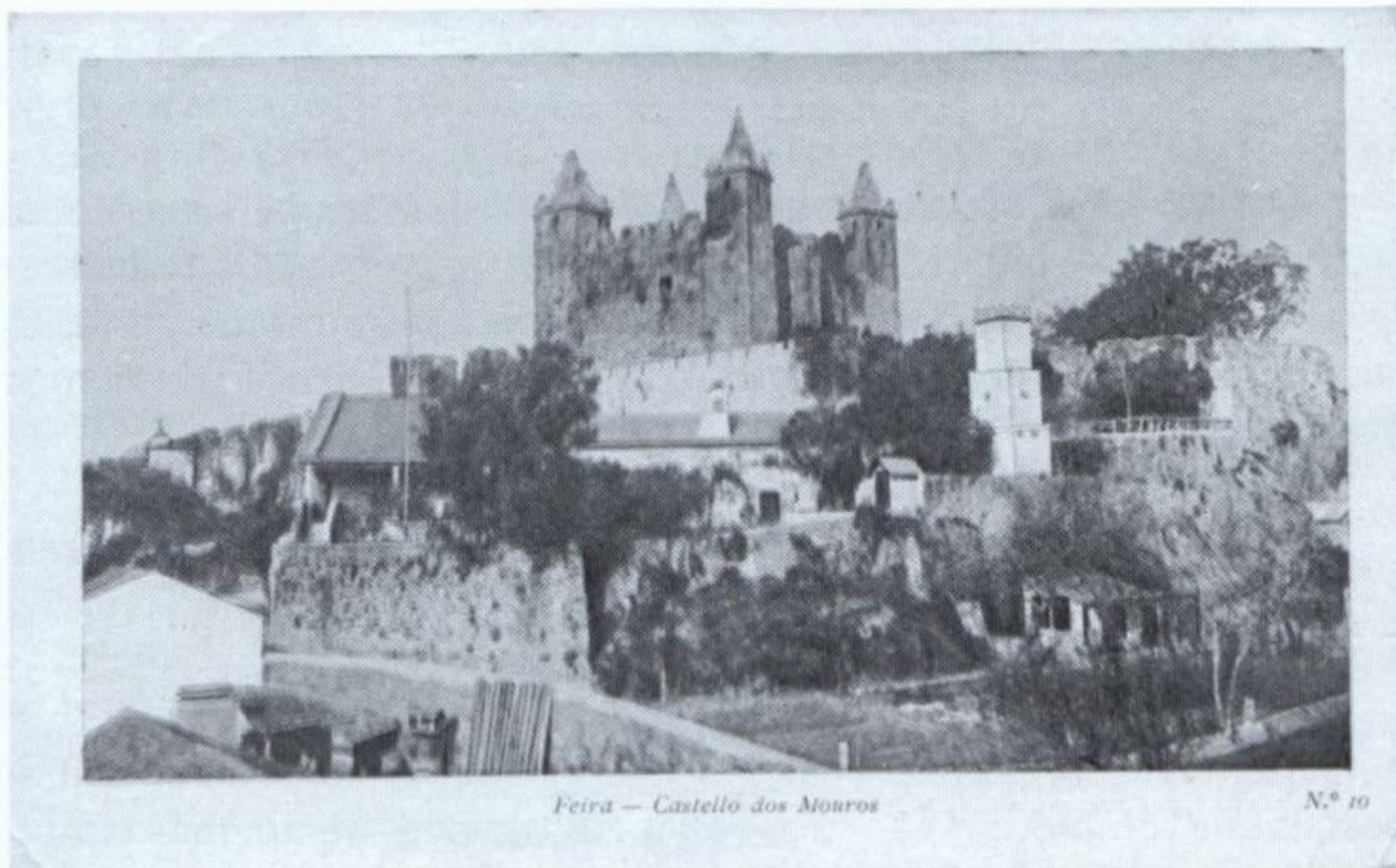
Iniciamos com postais de uma série colorida alusiva ao Distrito de Aveiro;

Postais do Concelho da Feira

1 - Postal nº. 10

Feira - Castello dos Mouros

Evidencia o estado do Castelo, sinais de ruina, ervas e heras. Várias construções, quintais e árvores.

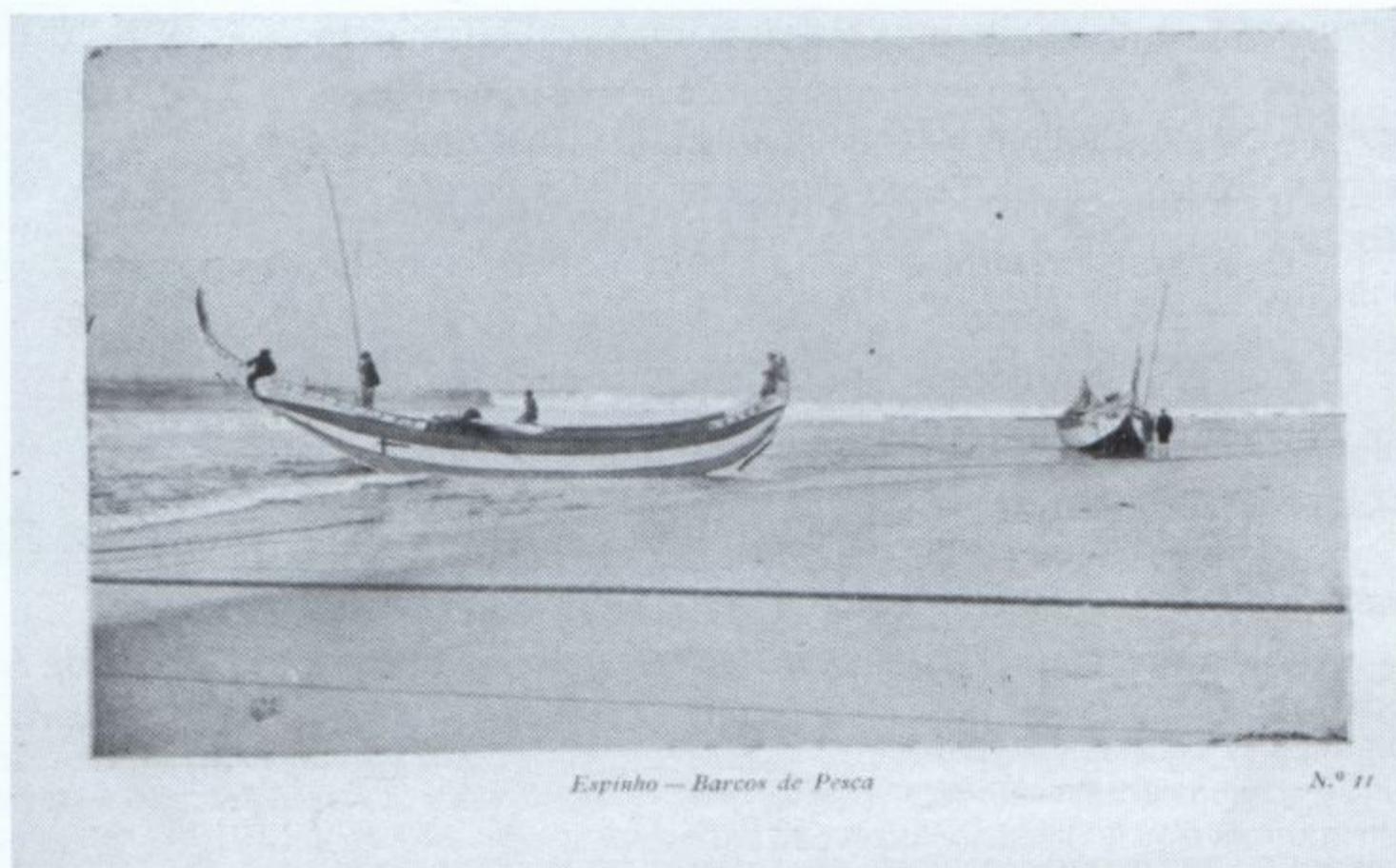


2 - Postal nº. 11

Espinho - Barcos de Pesca

Bateiras, a faina da pesca e areal sem fim.

Espinho fazia parte do Concelho da Feira.



Postais do Concelho da Feira



Feira — Costumes regionaes

N.º 12

3 - Postal n.º 12
Feira - Costumes Regionais
Lavradeiras e carro de bois,
a vida intensamente rural.

For all information on PORTUGAL apply to the
Society "Propaganda de Portugal"
103, RUA GARRETT
LISBON

The mean TEMPERATURE of Lisbon in December, January, and February, is 10.56°, 10.21°, 11.13° C., as compared with 8.39°, 6.87°, 8.11° C., of Biarritz; 8.24°, 7.36°, 8.12° C., of Nice; and 11.3°, 10.1°, 10.9° of Catania. The mean temperature of the four places in winter is respectively, 10.63°, 7.79°, 7.91° and 10.8 C.; these figures proving that Lisbon is much more temperate than Biarritz and Nice and as temperate as Catania and more uniform. The diurnal variations are still more remarkable: they are, in December, January, and February, in Lisbon, 6.48°, 6.55°, 6.11° C.; at Biarritz 6.59°, 6.57°, 7.39° C.; at Nice 10.31°, 9.59°, 10.79° C.; and Catania 4.5°, 6.5°, 6.8° C.

What is said regarding winter is applicable to other seasons.

From all these facts can be concluded without a shadow of doubt that the climate of Lisbon is more equable than that of Biarritz, Nice, or even Catania.

(Dr. D. G. Dalgado — THE CLIMATE OF LISBON)

4 - Postal em Inglês
Sociedade "Propaganda de Portugal".



Santa Maria da Feira, Junho de 2002

Colaboram neste número:

Alfredo de Oliveira Henriques

Celestino Portela

Eduardo Vaz de Oliveira

Domingos A. Moreira

Maria de Jesus

Orlando Silva

Ilda Maria

J. M. Matos Vila

Joaquim Carneiro

Ceomar Tranquilo

Auditório

Odisseia da Terra

Odisseia da Matéria

Odisseia do Universo

Odisseia da Vida





CONQUISTE O NOSSO TERRITÓRIO

*S*enha conquistar o nosso território sem batalhas. Abrimos-lhe as portas do Concelho de Santa Maria da Feira para que possa viver momentos de especial beleza. Entre numa exploração fascinante pelas nossas paisagens e descubra os tesouros que lhe oferecemos.



Santa Maria da Feira
câmara municipal